

UNIVERSIDADE DE LISBOA

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO



**Dispositivos educativos para a promoção da participação dos jovens em situação de
acolhimento institucional**

Joana Recto Barra

Relatório final de estágio orientado
pelas Professoras Doutoradas Carmen Cavaco e Isabel Freire

MESTRADO EM EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO

Área de Especialização em Desenvolvimento Social e Cultural

2017

UNIVERSIDADE DE LISBOA

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO



**Dispositivos educativos para a promoção da participação dos jovens em situação de
acolhimento institucional**

Joana Recto Barra

Relatório final de estágio orientado
pelas Professoras Doutoras Carmen Cavaco e Isabel Freire

MESTRADO EM EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO

Área de Especialização em Desenvolvimento Social e Cultural

2017

Agradecimentos

Ao longo da nossa vida vamo-nos apercebendo que por mais que lutemos e que conquistemos os nossos projetos, os nossos sonhos, os nossos ideais, nunca estamos a lutar sozinhos. Teremos sempre escudos que nos defendem e protegem, armas que nos são dadas e tudo isso nos apoia e encoraja a vencer.

Agradeço aos meus queridos pais e à minha família, por me terem armado com as ferramentas necessárias para construir o meu futuro. Que sempre me apoiaram para que eu lutasse e alcançasse o melhor.

Agradeço também aos meus amigos. Ao meu grupo de amigos “Folia”, por toda a preocupação, interesse e apoio que me deram sempre. Foram e são uma das minhas maiores forças e motivações. Ser-vos-ei sempre grata. Aos meus grandes amigos da faculdade, que caminharam sempre ao meu lado. Acima de tudo, ao André e ao Filipe que são os meus maiores aliados na vida.

Ao CAT, em especial à Rita e ao João, por terem partilhado comigo as suas sabedorias e terem tido sempre disponibilidade para me ajudar em tudo o que precisei. À minha querida colega de estágio, Patrícia, que foi a minha maior companheira, com quem construí uma grande amizade, que levarei no coração.

Por fim, às minhas orientadoras, professora Carmen Cavaco e professora Isabel Freire pela orientação ao longo desta fase do Mestrado, por me ajudarem a construir este percurso.

A todos vocês, o meu grande obrigada.

“Não há respostas feitas. Curiosamente, neste início do século XXI, deparamo-nos com muitos problemas que pensávamos ultrapassados. A educação e a escola adquirem um papel fundamental. Hoje temos uma certeza: nada define melhor uma sociedade do que a maneira como cuidamos destas crianças e jovens que vamos apelidando de “problemáticos”, “diferentes”, “em risco”, e por aí adiante. E que vamos “sinalizando” para os mais diversos efeitos... Continuamos sem saber como educar aqueles que não querem ser educados, como integrar aqueles que não querem ser integrados. E perante o desafio só nos resta ser humildes e também determinados. (...) A relação educativa é muitas vezes difícil, mas não podemos deixar de assumir todas as nossas responsabilidades. (...) O nosso caminho não é o da institucionalização da violência, mas sim o da construção do diálogo, da relação, da palavra. E nada mais ajuda à lucidez do que um conhecimento informado, uma compreensão crítica das realidades passadas e presentes.”

(Nóvoa, 2010; P. 111)

Resumo

O presente relatório de estágio surge no âmbito do Mestrado de Educação e Formação, na especialização de Desenvolvimento Social e Cultural. Este relatório tem como principal objetivo descrever a experiência de vários meses de estágio num Centro de Acolhimento Temporário (CAT) e refletir sobre ele.

Durante o período de estágio tive a oportunidade de observar e de me envolver nas diversas dinâmicas da instituição, sobretudo em projetos como: Famílias Amigas; Voluntariado; Responsabilidade Social; Biblioteca do CAT; Apartamento Pré- Autonomia; Desporto do CAT e Assembleias de Jovens, sendo este último o projeto onde estive mais envolvida. O projeto das Assembleias de Jovens foi aquele que me suscitou maior interesse em participar, sendo um projeto que tem como principal objetivo promover a participação dos jovens da instituição, através da escuta e do apoio á intervenção. A multiplicidade de projetos, assim como as restantes atividades da instituição, possibilitaram-me ficar a conhecer o que se desenvolve nesta área e levaram-me a desempenhar uma série de tarefas muito diversificadas, o que foi um benefício enquanto estagiária e futura profissional.

Apercebi-me que as aprendizagens realizadas ao longo da licenciatura e do mestrado foram um grande suporte para a minha experiência de estágio, principalmente unidades curriculares como: Relação Educativa, sendo muito útil para mim ter desenvolvido a capacidade de análise e interpretação e intervenção nas situações educativas, numa vertente mais relacional; Educação para a Saúde e Comportamentos de Risco, onde foi importante adquirir conhecimentos sobre os comportamentos de risco e os fatores associados, aprendendo também a identificar e analisar criticamente condicionantes e dimensões estruturais dos comportamentos violentos e a enquadrar sinais precoces de delinquência; Educação Não Formal, onde tive conhecimento de vários modos de trabalho pedagógico e práticas não formais; Desenvolvimento Local e Intervenção Comunitária, onde fiquei a conhecer dinâmicas e projetos de desenvolvimento local e de intervenção comunitária.

Para além de ter aprendido bastante com todas as dinâmicas e com a equipa do CAT, que me deram uma grande preparação para um futuro profissional, penso que a relação que criei com as crianças e jovens que residem naquela instituição, me alterou e me fez crescer enquanto pessoalmente.

O relatório está organizado em três capítulos, o primeiro é centrado no tema crianças e jovens em situação de vulnerabilidade social, o segundo no papel do educador das instituições de acolhimento. Ambos os capítulos correspondem à fundamentação teórica do estágio. O terceiro capítulo aborda a dinâmica do estágio, realizado num Centro de Acolhimento Temporário.

Palavras-Chave: Crianças e Jovens, Vulnerabilidade Social, Educador, Instituição de Acolhimento de Menores

Abstract

This internship report comes under the Master's Degree in Education and Training, specializing in Social and Cultural Development. This report has as main objective to describe the experience of several months of internship in a Centro de Acolhimento Temporário (CAT) and to reflect on it. During the internship period, I had the opportunity to observe and get involved in the various dynamics of the institution, especially in projects such as: Famílias Amigas; Voluntariado; Responsabilidade Social; Biblioteca do CAT; Apartamento Pré- Autonomia; Desporto do CAT e Assembleias de Jovens, being the last one the project where I was most involved. The project Assembleias de Jovens was the one that attracted me the most interest in participating, being a project that has as main objective to promote the participation of the young people of the institution, through listening and support to the intervention. The multiplicity of projects, as well as other activities of the institution, enabled me to get to know what is developing in this area and led me to perform a series of very diversified tasks, which was a benefit as a trainee and future professional.

I realized that the apprenticeships carried out during the undergraduate and master's degrees were a great support for my internship experience, mainly curricular units such as: Relação Educativa, being very useful for me to have developed the capacity for analysis and interpretation and intervention in situations educational, in a more relational aspect; Educação para a Saúde e Comportamentos de Risco, where it was important to acquire knowledge about risk behaviors and associated factors, and also to identify and analyze critically the structural determinants and dimensions of violent behaviors and to frame early signs of delinquency; Educação Não Formal, where I became aware of various modes of pedagogical work and non-formal practices; Desenvolvimento Local e Intervenção Comunitária, where I learned about dynamics and projects of local development and community intervention.

In addition to having learned a lot from all the dynamics and the CAT team, which gave me a great preparation for a professional future, I think that the relationship I created with the children and young people who live in that institution, changed me and made me grow while personally.

The report is organized in three chapters, the first focusing on children and young people in situations of social vulnerability, the second on the role of the educator of the

host institutions. Both chapters correspond to the theoretical foundation of the internship. The third chapter covers the dynamics of the internship, held in a Temporary Reception Center.

Key Words: Children and Youth, Social Vulnerability, Educator, Child Care Institution

Siglas Utilizadas

CAT- Centro de Acolhimento Temporário

LIJ- Lar de Infância e Juventude

ONU- Organização das Nações Unidas

CDC- Convenção dos Direitos da Criança

CPCJ- Comissão de Proteção de Crianças e Jovens

CAFAP- Centro de Apoio Familiar e Aconselhamento Parental

PSEI- Plano Socioeducativo Individual

CASA- Caracterização Anual da Situação de Acolhimento

PALOP- Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa

Índice de figuras

<i>Figura 1: Modelo pirâmide do sistema de promoção e proteção de crianças e jovens em risco.....</i>	<i>8</i>
<i>Figura 2: Funcionamento do sistema de acolhimento nacional</i>	<i>14</i>
<i>Figura 3: Crianças e jovens em situação de acolhimento, caracterizados em 2016.....</i>	<i>17</i>
<i>Figura 4: Crianças e jovens em situação de acolhimento, por género e escalão etário.....</i>	<i>18</i>
<i>Figura 5: Características particulares das Crianças e jovens em situação de acolhimento, por escalão etário</i>	<i>19</i>
<i>Figura 6: Distribuição das Crianças e Jovens do CAT por Faixa Etária.....</i>	<i>32</i>
<i>Figura 7: Distribuição das Crianças e Jovens do CAT por género.....</i>	<i>32</i>
<i>Figura 8: Nacionalidade Portuguesa das Crianças e Jovens do CAT.....</i>	<i>33</i>
<i>Figura 9: Projetos de vida destinados as crianças e jovens do CAT.....</i>	<i>34</i>
<i>Figura 10: Ano de entrada no CAT.....</i>	<i>35</i>
<i>Figura 11: Ano de saída do CAT.....</i>	<i>35</i>
<i>Figura 12: Situação escolar das crianças e jovens do CAT</i>	<i>36</i>

Índice de anexos

(Disponível em formato digital na contracapa)

Anexo I- Assembleia 19 de Janeiro

Anexo II- Assembleia 7 de Fevereiro

Anexo III- Assembleia 21 de Fevereiro

Anexo IV- Assembleia 14 de Março

Anexo V- Assembleia 5 Abril

Anexo VI- Assembleia 16 Maio

Índice geral

Agradecimentos	i
Resumo.....	iii
Abstract.....	v
Siglas Utilizadas.....	vii
Índice de Figuras.....	viii
Índice de Anexos.....	ix

INTRODUÇÃO.....	1
------------------------	----------

CAPITULO I.

CRIANÇAS E JOVENS EM SITUAÇÃO DE GRANDE VULNERABILIDADE SOCIAL

1. Direitos da Criança- documentos orientadores	3
2. Crianças e jovens em situação de risco e/ou perigo.....	5
3. Respostas socioeducativas destinadas a crianças e jovens em risco ou perigo.....	7
3.1 Respostas preventivas	8
3.2 Sistema nacional de acolhimento de crianças e jovens em perigo.....	9
3.3 Natureza e funções das instituições de acolhimento.....	12
4. Situação de acolhimento nacional de crianças e jovens no último ano	16

CAPITULO II.

AS INSTITUIÇÕES DE ACOLHIMENTO COMO ORGANIZAÇÕES EDUCATIVAS

1. Educação Não-Formal	20
2. Participação: autonomia e tomadas de decisão - A voz das crianças e jovens...	21
3. Dinâmicas de grupo e desenvolvimento interpessoal	25
4. Gestão de conflitos em contexto educacional.....	26
5. Educação emocional e ética	28

CAPITULO III.

ESTÁGIO NUMA INSTITUIÇÃO DE ACOLHIMENTO DE CRIANÇAS E JOVENS

1. Caracterização da Instituição30
2. Projeto: Assembleias de Jovens37
3. Participação noutros projetos50
4. Participação no quotidiano e outras atividades56

CONSIDERAÇÕES FINAIS60

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS65

Introdução

O presente trabalho surge como sistematização de oito meses de estágio numa instituição de acolhimento de crianças e jovens. Este estágio insere-se no âmbito do Mestrado em Educação e Formação na especialização de Desenvolvimento Social e Cultural, no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa.

O estágio decorreu numa instituição da região de Lisboa, que acolhe crianças e jovens, com o nome de Centro de Acolhimento Temporário (CAT). Embora tenha esta designação, a instituição funciona como um Lar de Infância e Juventude (LIJ), mantendo o nome devido à historicidade da casa, um espaço que remonta aos anos 1990 e que sempre se dedicou a ajudar os mais desfavorecidos.

O interesse pela área da intervenção social, principalmente ligada à problemática dos menores em risco/perigo, juntamente com a vontade de adquirir experiência profissional, levou-me a escolher a modalidade de estágio. No período de escolher a instituição para o estágio, decidi visitar algumas instituições, para perceber o funcionamento e a disponibilidade para me receberem enquanto estagiária. Este CAT foi a instituição que mais me cativou. É uma instituição que orienta a dinâmica em função dos seus interesses, sempre aberta a novos projetos, a novas ideias e a novas pessoas.

Uma vez aceite na instituição, tive o privilégio de vivenciar diversas metodologias, aprender com profissionais competentes e partilhar um pouco de mim e dos meus saberes com as crianças e jovens ali acolhidas.

Durante o estágio no CAT estive envolvida nos seguintes projetos/dinâmicas: Famílias Amigas; Voluntariado; Responsabilidade Social; Biblioteca do CAT; Apartamento Pré- Autonomia; Desporto do CAT e Assembleias de Jovens, sendo este último, o projeto em que estive mais implicada. As Assembleias de Jovens foi o projeto que me suscitou maior interesse em participar, sendo um projeto que visa promover a participação e dar voz aos jovens da instituição, através de encontros mensais e com dinâmicas devidamente planificadas. Todos estes projetos, assim como as diversas atividades do quotidiano do CAT, permitiram-me o contacto direto com diferentes contextos, metodologias e pessoas, o que se revelou muito útil para mim enquanto estagiária.

Quanto à estrutura e ao conteúdo do relatório, o trabalho está organizado em três capítulos, o primeiro é centrado no tema crianças e jovens em situação de vulnerabilidade social, o segundo no papel do educador das instituições de acolhimento. Ambos os

capítulos correspondem à fundamentação teórica do estágio. O terceiro capítulo aborda a dinâmica do estágio, realizado num Centro de Acolhimento Temporário.

Houve a necessidade de criar dois capítulos teóricos, pois o primeiro aborda a questão das crianças e jovens em vulnerabilidade social de uma forma mais orientada para a prática e técnica, onde me baseei essencialmente na legislação em vigor e nos manuais e guias elaborados pelo Instituto da Segurança Social e pela Comissão Nacional de Promoção dos Direitos e Proteção das Crianças e Jovens. Já o segundo capítulo é de teor mais reflexivo, assente nos contributos de vários autores e onde me foco no papel que o educador pode ter neste tipo de instituições, sobretudo tratando-se de um papel mais ligado à promoção da participação, autonomia, civismo dos jovens da instituição. No ponto final do trabalho, apresentam-se as considerações finais que concluem o pensamento construído ao longo do estágio e do presente relatório.

Capítulo I- Crianças e jovens em situação de grande vulnerabilidade social

O local que elegi para esta experiência foi um Centro de Alojamento Temporário (CAT) com valência de Lar de Infância e Juventude (LIJ), situado na região da grande Lisboa. Neste primeiro capítulo pretende-se apresentar os contributos teóricos e jurídico-legislativos do tema Crianças e jovens em situação de grande vulnerabilidade social. Importa analisar o enquadramento legal, educativo e social das crianças e jovens que habitam estas instituições, assim como as dinâmicas institucionais, sociais e pessoais que aqui experienciam. Estes contributos sustentam os princípios e as linhas orientadoras em que assenta o meu estágio.

Num primeiro ponto apresenta-se a definição de criança e jovem e todos os direitos que lhe estão consagrados, em seguida, os conceitos de risco e perigo associadas às mesmas. Quando as crianças e jovens se encontram neste tipo de situações, são tomadas medidas externas, de forma a remover o risco ou perigo a que estão sujeitos, sendo essas medidas apresentadas como tema seguinte neste enquadramento. Quando a resposta social se prende com o acolhimento institucional da criança ou jovem, existem vários procedimentos a serem seguidos. Os mesmos são explicitados, assim como outras especificidades do sistema nacional de acolhimento de crianças e jovens em perigo no ponto seguinte. Por fim surge uma análise da Situação de acolhimento nacional referente ao ano de 2016, sendo o último tópico deste capítulo.

1. Os direitos da criança- documentos orientadores

Tal como surge no artigo 1º da Convenção sobre os Direitos da Criança (ONU, 1989) criança é todo e qualquer ser humano até aos 18 anos de idade, salvo os casos dos países em que a legislação define a maioridade mais cedo. Desta forma, a lei portuguesa vai ao encontro deste mesmo artigo, considerando menor quem não tiver completado os 18 anos de idade (artigo 122.º do Código Civil). Qualquer jovem a partir dos 18 anos de idade “adquire” a plena capacidade do exercício de direito, ficando habilitado a reger a sua pessoa e a dispor dos seus bens (artigo 130.º do Código Civil).

Os direitos da criança estão consagrados em diversos documentos tanto a nível internacional como a nível nacional. A nível internacional, e como maior referência,

existe a Convenção sobre os Direitos da Criança (CDC), adotada a 20 de Novembro de 1989 pela Organização das Nações Unidas (ONU), na qual contempla os direitos civis, políticos, económicos, sociais e culturais das crianças. Esta convenção assenta também em quatro pilares fundamentais que estão relacionados com os direitos das mesmas, sendo eles a não discriminação, o interesse superior da criança, a sobrevivência e o desenvolvimento e a opinião da criança. É um tratado internacional de carácter legal e aceite por quase todo os Estados do mundo. Portugal ratificou a Convenção em 21 de Setembro de 1990. Os direitos da criança estão também decretados na Constituição da República Portuguesa de 1976 (7ª versão, lei nº1/2005 de 12/08). Estes direitos estão explicitados no Artigo 69º (Infância):

1. As crianças têm direito à proteção da sociedade e do Estado, com vista ao seu desenvolvimento integral, especialmente contra todas as formas de abandono, de discriminação e de opressão e contra o exercício abusivo da autoridade na família e nas demais instituições.

2. O Estado assegura especial proteção às crianças órfãs, abandonadas ou por qualquer forma privadas de um ambiente familiar normal.

3. É proibido, nos termos da lei, o trabalho de menores em idade escolar.”

E no Artigo 70º (Juventude):

1. “Os jovens gozam de proteção especial para efetivação dos seus direitos económicos, sociais e culturais, nomeadamente:

a) No ensino, na formação profissional e na cultura;

b) No acesso ao primeiro emprego, no trabalho e na segurança social;

c) No acesso à habitação;

d) Na educação física e no desporto;

e) No aproveitamento dos tempos livres.

2. A política de juventude deverá ter como objetivos prioritários o desenvolvimento da personalidade dos jovens, a criação de condições para a sua efetiva integração na vida ativa, o gosto pela criação livre e o sentido de serviço à comunidade.

3. O Estado, em colaboração com as famílias, as escolas, as empresas, as organizações de moradores, as associações e fundações de fins culturais e as coletividades de cultura e recreio, fomenta e apoia as organizações juvenis na prossecução daqueles objetivos, bem como o intercâmbio internacional da juventude.”

2. Crianças e jovens em situação de risco e/ou perigo

A maior parte das crianças da nossa sociedade encontram nos seus contextos relacionais a proteção e os cuidados que necessitam para se desenvolverem adequadamente.

De acordo com o Guia de Orientações para os profissionais da Educação na abordagem de situações de maus tratos ou outras situações de perigo (CNPDCJ, s.d.) a família como agente de socialização primária é um eixo fundamental relativamente à proteção das crianças, uma vez que respondem às necessidades físicas, psicoafectivas e sociais dos seus filhos. Normalmente, os pais prestam os cuidados adequados aos seus filhos, proporcionam-lhes formação integral e oferecem-lhes relações securizantes e desta forma a criança tem a capacidade de desenvolver uma visão positiva sobre si e sobre os que a rodeiam.

Os pais, contudo, podem deixar de ser agentes protetores por carecerem de recursos para fazer face às necessidades básicas dos filhos, devido a défices pessoais ou emocionais, ao stress parental, a limitações económicas, socioeconómicas, socioculturais, entre outros motivos, vulnerabilizando a sua situação e conseqüentemente a dos filhos. Vignoli e Filgueira (2001, citado por Abramovay, Castro, Pinheiro, Lima, & Martinelli, 2002) afirmam que a vulnerabilidade social pode ser tratada como o resultado negativo da relação que existe entre disponibilidade de recursos materiais ou simbólicos dos atores, sejam indivíduos ou grupos, e o acesso à estrutura de oportunidades sociais, económicas e culturais que provêm do Estado, do mercado e da sociedade.

Quando a vulnerabilidade social é associada a crianças e jovens, não podemos dissociar outros dois conceitos, o risco e o perigo, que podem aparecer como conseqüências da vulnerabilidade e também são causas da mesma. Existem distinções entre os conceitos, embora seja por vezes difícil demarcá-los. De acordo com o sítio da Comissão Nacional de Promoção dos Direitos e Proteção das Crianças e Jovens, entende-

se por situações de risco todas as situações que podem ameaçar os direitos da criança, por exemplo, situações de pobreza, não sendo consideradas situações de perigo mas atingindo um grande grau de probabilidade de vir a ser. Nas situações de risco, a intervenção passa por esforços de superação das mesmas, tendo em vista uma prevenção primária e secundária, através de políticas, estratégias e ações integradas, dirigidas a famílias em situação de vulnerabilidade, como por exemplo: campanhas de informação e prevenção; ações promotoras de bem-estar social; projetos de formação parental; prestações sociais; habitação social; alargamento da rede pré-escolar, entre outras. As situações de perigo decorrem da conformidade e complexidade das situações de risco, contudo podem não advir necessariamente de uma situação de risco. Podem ocorrer em momentos de crise profunda no núcleo familiar, por exemplo, situações de morte, divórcio, etc. As situações de perigo, de acordo com a Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo, são situações que afetam de forma aguda e grave os direitos fundamentais da criança.

A primeira lei criada no âmbito da Proteção de Crianças e Jovens em Perigo foi a Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro, onde são clarificadas as várias situações que desencadeiam o perigo, situações onde a criança ou jovem:

- a) Está abandonada ou vive entregue a si própria;*
- b) Sofre maus tratos físicos ou psíquicos ou é vítima de abusos sexuais;*
- c) Não recebe os cuidados ou a afeição adequados à sua idade e situação pessoal;*
- d) É obrigada a atividades ou trabalhos excessivos ou inadequados à sua idade, dignidade e situação pessoal ou prejudiciais à sua formação ou desenvolvimento;*
- e) Está sujeita, de forma direta ou indireta, a comportamentos que afetem gravemente a sua segurança ou o seu equilíbrio emocional;*
- f) Assume comportamentos ou se entrega a atividades ou consumos que afetem gravemente a sua saúde, segurança, formação, educação ou desenvolvimento sem que os pais, o representante legal ou quem tenha a guarda de facto se lhes oponham de modo adequado a remover essa situação.*

De acordo com o sítio da Comissão Nacional de Promoção dos Direitos e Proteção das Crianças e Jovens, surge a Lei n.º 142/2015 de 8 de setembro, sendo a segunda

alteração à Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo, aprovada pela Lei n.º 147/99, de 1 de setembro, onde se acrescentou uma nova situação de perigo, quando a criança ou jovem está aos cuidados de terceiros, durante período de tempo em que se observou o estabelecimento com estes de forte relação de vinculação e em simultâneo com o não exercício pelos pais das suas funções parentais;

A Lei n.º 23/2017 de 23 de maio, foi a terceira alteração à Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo, aprovada pela Lei n.º 147/99, de 1 de setembro, a sua alteração foi no sentido de alargar o período de proteção das crianças e jovens até aos 25 anos.

3. Respostas socioeducativas destinadas a crianças e jovens em risco ou perigo

Em Portugal atualmente existem várias respostas sociais a crianças e jovens em risco e em perigo que, consoante a situação de cada criança ou jovem, visam defender os seus direitos e protege-los (ISS,2014). Sendo elas: os Centros de Apoio Familiar e Aconselhamento Parental (CAFAP's), considerada uma resposta de prevenção; o Acolhimento Familiar; Centros de Acolhimento Temporário (CAT's); Lares de Infância e Juventude (LIJ's) e Apartamentos de Autonomização que são tipos de acolhimento e Equipas de Rua de Apoio a Crianças e Jovens, criadas para dar assistência nas ruas às crianças e jovens que não aderem ao apoio institucional. Estas respostas pretendem promover o desenvolvimento pessoal e social das crianças e jovens e proporcionar-lhes saúde, formação, educação, bem-estar, um ambiente familiar e seguro para o seu desenvolvimento integral.

A promoção e proteção dos direitos das crianças e dos jovens é enquadrada pela Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo, Lei n.º 147/99, de 01 de Setembro, que determina que a mesma é assegurada subsidiariamente pelas entidades com competências em matéria de infância ou juventude, pelas Comissões de Proteção de Crianças e Jovens (CPCJ) e pelos Tribunais (Art.º 6º).

Segundo Carvalho (2013) a operacionalização de uma intervenção no sistema de promoção e proteção nacional pressupõe a existência de três patamares, que podem ser observados na figura 1. O primeiro nível, relativo à rede informal, que envolve apenas as entidades com competência em matéria de infância e juventude, o segundo, de caráter formal, que diz respeito à atuação das Comissões de Proteção de Crianças e Jovens, por

fim o terceiro, também na rede formal, insere-se o topo da pirâmide e corresponde aos Tribunais. Devendo ser privilegiada a intervenção informal, casos há que, pela sua natureza e gravidade, exigem um recurso às instâncias formais depois de esgotados todos os recursos nas entidades de primeira linha. A reação social no sistema perante casos de maior gravidade concretiza-se através da aplicação de medidas de promoção e proteção aplicadas pelas Comissões de Proteção ou decretadas pelos Tribunais. Prevê-se também existência de comunicação e colaboração entre estas entidades.

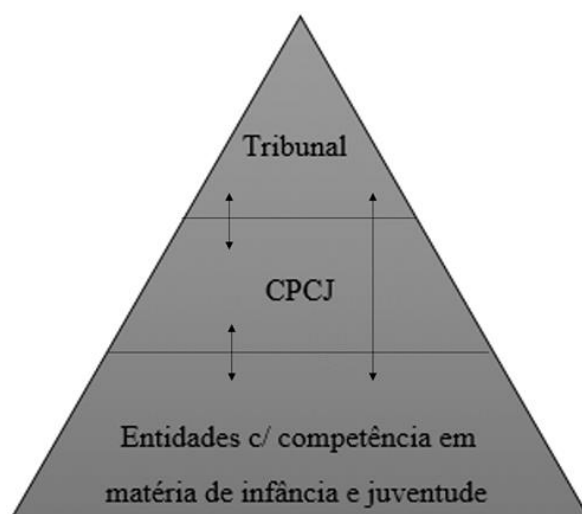


Figura 1: Modelo pirâmide do sistema de promoção e proteção de crianças e jovens em perigo

3.1 Respostas preventivas

- Centros de Apoio Familiar e Aconselhamento Parental (CAFAP)

De acordo com o Guia Prático de Apoios Sociais a Crianças e Jovens em situação de Perigo, do Instituto da Segurança Social (2014) os Centros de Apoio Familiar e Aconselhamento Parental são uma resposta social desenvolvida para intervir no contexto familiar, com a intenção de prevenir situações de risco e perigo através do exercício de uma parentalidade positiva. Estes centros têm como objetivos:

Promover o estudo e a avaliação de famílias em risco e/ou perigo; evitar ruturas que possam levar ao acolhimento residencial favorecendo a sua manutenção no seio familiar; assegurar a satisfação das necessidades físicas, mentais, emocionais e sociais das crianças e jovens; reforçar as competências pessoais, parentais e sociais

das famílias das crianças e jovens; potenciar a melhoria das relações familiares e com a comunidade e contribuir para a autonomia das famílias (ISS, 2014).

3.2 Sistema nacional de acolhimento de crianças e jovens em perigo

Segundo Carvalho (2013), o sistema nacional de acolhimento de crianças e jovens em perigo encontra-se organizado numa estrutura que contempla, nos termos da lei, três patamares distintos:

O Acolhimento de emergência- Este tipo de acolhimento deve ser realizado em unidades de emergência, direcionadas para o acolhimento urgente e transitório de crianças e jovens em situações de perigo, a sua duração não excede as 48 horas.

O Acolhimento temporário- O acolhimento temporário tem como intuito acolher crianças e jovens em situações de afastamento das famílias que sejam temporárias. Por norma ocorre por um prazo de seis meses, embora esse período possa ser modificado se assim for necessário. Pode ser executado em dois tipos de recurso: Centros de Acolhimento Temporário (CAT) ou família de acolhimento (FA).

O Acolhimento prolongado: Este tipo de acolhimento é adotado uma vez esgotados todos os recursos e possibilidades de intervenção social junto da família de origem, o acolhimento da criança ou jovem pode assumir um carácter definitivo, sendo realizado em Lares de Infância e Juventude (LIJ).

- **Acolhimento Familiar**

O Instituto da Segurança Social (2014) define que o Acolhimento Familiar é um acolhimento para crianças e jovens em casa de uma família ou pessoa que reúna condições para tal, com o intuito das mesmas estarem integradas num meio familiar. Os seus objetivos passam por:

Integrar a criança ou jovem num meio familiar adequado, que lhe assegure os cuidados e a atenção que a sua família não lhe pode proporcionar; assegurar alojamento à criança e ao jovem; promover o desenvolvimento integral da criança e proporcionar-lhe condições de bem-estar e segurança; assegurar os meios necessários ao desenvolvimento pessoal e à formação escolar e profissional em cooperação com a

família, a escola, as estruturas de formação profissional e a comunidade e facilitar sempre que possível, a integração na sua família (ISS,2014).

- Centro de Acolhimento Temporário (CAT)

Segundo Carvalho (2013) os Centros de Acolhimento Temporário surgem como um acolhimento urgente e temporário para crianças e jovens em situação de perigo, por norma não passando dos seis meses. O CAT resulta de uma medida de promoção e proteção aplicada pela Comissão de Proteção de Crianças e Jovens ou pelo Tribunal. Os objetivos são:

Permitir a realização do diagnóstico de cada criança e jovem bem como a definição dos respetivos projetos de vida, com vista à inserção familiar e social ou a outro encaminhamento que melhor se adegue à situação em estudo; assegurar alojamento temporário; garantir às crianças e jovens a satisfação das suas necessidades básicas; proporcionar o apoio socioeducativo adequado à idade e características de cada criança ou jovem; promover a intervenção junto da família, em articulação com as entidades e as instituições cuja ação seja indispensável à efetiva promoção dos direitos das crianças e jovens (Carvalho, 2013).

- Lar de Infância e Juventude (LIJ)

O lar de Infância e Juventude é um tipo de acolhimento para crianças e jovens em perigo, por mais de seis meses, também ele resultante de uma medida de promoção e proteção aplicada pela Comissão de Proteção de Crianças e Jovens ou pelo Tribunal. Tem como objetivos:

Assegurar alojamento; garantir a satisfação das necessidades básicas das crianças e jovens e promover o seu desenvolvimento global, em condições tão aproximadas quanto possível às de uma estrutura familiar; assegurar os meios necessários ao seu desenvolvimento pessoal e à formação escolar e profissional, em cooperação com a família, a escola, as estruturas de formação profissional e a comunidade; promover, sempre que possível, a sua integração na família e na comunidade de origem ou noutra medida em meio natural de vida, em articulação com as entidades competentes em

matéria de infância e juventude e as comissões de proteção de crianças e jovens, com vista à sua gradual autonomização (Carvalho, 2013).

- Apartamento de Autonomização

Este é um espaço inserido na comunidade local, que promove a autonomia dos jovens, que são apoiados na transição para a vida adulta. Os jovens selecionados para habitarem estes apartamentos de autonomização são aqueles que se acredita possuírem competências pessoais e sociais específicas que lhes permitem viver num modelo de organização em que são menos apoiados ” (Carvalho, 2013). Com a criação dos Apartamentos de Autonomização tem-se como objetivos:

Mediar processos de autonomia de vida e de participação ativa de jovens, minimizando riscos de exclusão social; desenvolver processos individuais de acompanhamento e de apoio a nível psicossocial, material, de informação e de inserção sociolaboral; dinamizar programas de formação específicos destinados ao desenvolvimento de competências pessoais, sociais, escolares e profissionais dos jovens; partilhar competências com outros serviços e promover domínios comuns de conhecimentos e de práticas com o objetivo de estabelecer uma intervenção articulada e integrada facilitadora da transição de jovens para a vida adulta (Carvalho, 2013).

- Equipa de Rua de Apoio a Crianças e Jovens

Segundo o Instituto da Segurança Social (2014) define-se como um apoio dado às crianças e jovens que estão envolvidas em situações de tráfico de droga, roubos, entre outros. Na sua grande maioria estas crianças e jovens seguem o caminho dos seus pais, também eles traficantes, toxicod dependentes e que muitas vezes estão presos. Estas crianças e jovens não aderem a nenhum apoio institucional disponível, vivendo à margem dos seus próprios bairros, com regras próprias, não frequentando a escola e não tendo local fixo para dormirem, também eles consumindo drogas leves ou outras. Os objetivos desta intervenção passam por:

Promover a sua reintegração na família, escola e comunidade; recuperar as crianças e jovens de rua, incentivando a construção de um projeto de vida saudável; prevenir a toxicod dependência e os comportamentos desviantes (roubos, tráfico, prostituição) e, se necessário, encaminhar para programas de inserção social; despistar situações de risco

e sensibilizar para a mudança de comportamentos e para o abandono do consumo de droga; prevenir as doenças sexualmente transmissíveis e satisfazer necessidades básicas de alimentação, higiene, saúde e vestuário e promover o contacto e a ligação com as famílias e o envolvimento da comunidade, tendo em vista a prevenção, o apoio e a resolução de problemas (ISS,2014).

3.3 Natureza e funções das Instituições de Acolhimento

Em Portugal, a primeira instituição, com o nome de Hospício dos Enjeitados, destinada ao acolhimento de crianças órfãs/abandonadas, surgiu no século XII. A partir do século XV começam a aparecer os primeiros equipamentos de proteção a estas crianças, tais como hospitais, conventos, internatos, entre outros, com o intuito de colmatar as situações de abandono, desproteção, orfandade, doença, incapacidade parental, etc (Fernandes & Silva, 1996, citado por Veloso, 2014).

Alves (2007, citado por Veloso, 2014) salienta que é atribuída às instituições a responsabilização da prestação de cuidados de saúde e de alimentação, de forma a promover o desenvolvimento físico, cognitivo, psicológico e afetivo e o equilíbrio emocional destas crianças e jovens. Também as instituições ficam responsáveis pelas atividades educativas e escolares que são geralmente destinadas aos progenitores, sendo que estes cuidados deverão ser prestados tendo em conta a idade da criança e do jovem, o seu género, origens sociais, percursos de vida e características individuais de personalidade. Carvalho (2013) defende que compete às instituições a uma função de controlo social e uma função de promoção da ligação social, pela salvaguarda dos elementos menos protegidos de uma comunidade através da efetivação dos seus direitos. Pela execução de uma medida desta natureza pretende-se garantir a recuperação física e psicológica das crianças e jovens que foram vítimas de qualquer forma de exploração, negligencia, abuso, facto na origem da necessidade do seu afastamento do meio familiar.

Processo de institucionalização de crianças e jovens

Segundo Pires (2011), e como pode ser observado na figura 2, o processo de institucionalização inicia-se quando é sinalizada uma criança ou jovem em perigo na sua família. A primeira medida é a elaboração de um diagnóstico de forma a averiguar a

gravidade do mesmo percebendo se há necessidade de retirada da criança. Se a intervenção dos técnicos junto à família diminuir a situação de perigo na criança ou jovem, esta não é institucionalizada. Caso a intervenção não for suficiente e se considerar que existe perigo eminente para a vida da criança ou jovem, esta é encaminhada para uma Unidade de emergência. Durante a sua permanência na unidade de emergência, se não houver condições suficientes para o regresso da criança ou jovem à família, procede-se à institucionalização num Centro de Acolhimento Temporário (CAT). É importante referir que para que haja a institucionalização de uma criança ou jovem é necessário existir, obrigatoriamente, a aplicação da medida de promoção e proteção pela equipa técnica da CPCJ ou do tribunal. No CAT, se verificar que existem condições de segurança para que a criança ou jovem possa regressar à família, ambas serão alvo de acompanhamento. Contudo, se não for possível a reunificação familiar e se o perigo continuar, a criança ou jovem é encaminhada para um acolhimento prolongado num Lar de Infância e Juventude, onde ela e a família e a serão alvo de avaliação contínua, de forma a possibilitar sempre o seu regresso à família. Caso não seja possível a reintegração da criança na família, nem a institucionalização, Alves (2007, citado por Pires, 2011) defende a adoção e a integração da criança no seio da sua família alargada ou se for um jovem deve-se apoiar a autonomização da sua vida.

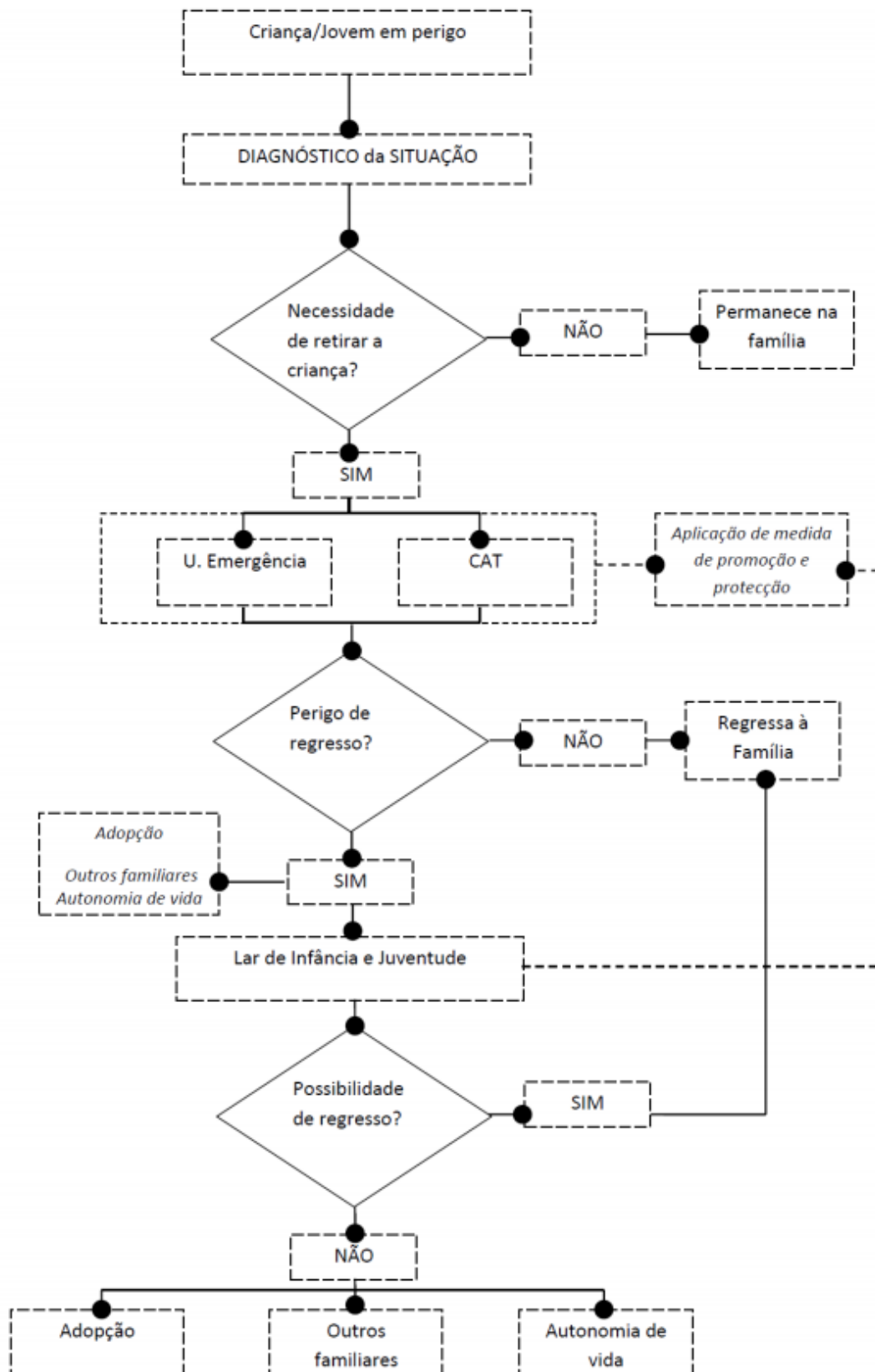


Figura 2 Funcionamento do sistema de acolhimento nacional

Fonte: Alves (2007, citado por Pires, 2011, p.80)

De acordo com Vilares (2009, citado por Pires, 2011) existem seis processos-chave a seguir quando se trata de institucionalizar crianças e jovens, sendo eles: *Admissão/Acolhimento; Avaliação Diagnóstica; Plano Socioeducativo Individual; Organização e Gestão das Atividades - Projeto Educativo; Cuidados Especiais e Nutrição e Alimentação*. Desta forma, caracterizar-se-á em seguida os seis processos:

1. Admissão e acolhimento da criança e do jovem na instituição

Vilares (2009, citado por Pires, 2011) refere que quando a criança ou jovem é admitido numa instituição, é aberto um processo individual onde se colocam os contactos dos familiares, pessoas significativas, profissionais e instituições envolvidas no processo de institucionalização da criança ou jovem, assim como se insere o seu Plano Socioeducativo Individual (PSEI)¹. Começa a programar-se o acolhimento da criança ou jovem assim que esta chega à instituição onde lhe são apresentados o gestor de caso, os espaços individuais e coletivos da casa, as suas regras, o restante pessoal técnico e educativo, entre outros aspetos (Pires, 2011).

2. Avaliação Diagnóstica

Vilares (2009, citado por Pires, 2011) defende que a partir do momento em que a criança ou jovem é acolhida na instituição, deve ser feito um levantamento e uma avaliação da mesma pela equipa técnica, aferir aspetos como o seu estado de saúde, desenvolvimento, contexto familiar onde está inserida e situação escolar.

3. Plano Socioeducativo Individual (PSEI)

O PSEI deve ser efetuado logo que a criança ou jovem é admitido na instituição. É feito com base na avaliação diagnóstica das necessidades e nas expectativas da criança/jovem, e nele se incluem também os dados pessoais da criança/jovem, os cuidados de saúde a assegurar. Deve também identificar estratégias, recursos e responsabilidades dos elementos interventores na implementação do PSEI (criança/ jovem, família, colaboradores, instituições parceiras). É imprescindível que este plano inclua as ações a implementar bem como prazos para implementação, os riscos, os critérios de avaliação, os períodos de avaliação e revisão do PSEI (Vilares, 2009, citado por Pires, 2011).

4. Organização e gestão das atividades — Projeto Educativo

¹ O Plano Socioeducativo Individual (PSEI) será explicitado no ponto 3 dos processos-chave.

De acordo com o modelo de avaliação da qualidade- Lar de Infância e Juventude elaborado pelo ISS é elaborado anualmente um plano de atividades ou projeto educativo destinado a cada criança/jovem ou grupo de crianças/jovens, considerando, nomeadamente: *avaliação das necessidades e expectativas das crianças e jovens, o Plano de Actividades da Organização, os Planos Sócio-Educativos Individuais, os recursos existentes na comunidade* e disponibilizados pelos parceiros. Este projeto deverá incluir os resultados das avaliações das atividades realizadas em períodos anteriores (ISS,2007, citado por Pires, 2011).

5. Cuidados Especiais

Vilares (2009, citado por Pires, 2011) defende que neste processo devem ser determinadas as regras para os cuidados de saúde, de higiene, alimentação, momentos de descanso, de lazer e isolamento voluntário das crianças e jovens.

6. Nutrição e Alimentação

Quanto à nutrição e alimentação, é importante que sejam estabelecidas e organizadas ementas, preparação, confeção e distribuição de refeições de acordo com as necessidades da criança ou jovem, a alimentação deve ser equilibrada e baseada nas boas práticas de higiene e segurança alimentar. (Vilares, 2009, citado por Pires, 2011).

4. Situação de acolhimento nacional de crianças e jovens no último ano

De acordo com o Relatório Anual de Caracterização da Situação de Acolhimento de crianças e jovens (CASA), referente ao ano de 2016, e disponibilizado pelo Instituto de Segurança Social, estavam em situação de acolhimento 8175 crianças e jovens, uma ligeira diminuição face ao ano de 2015 (5%). Em situação de acolhimento anterior a 2016 encontravam-se 5779 e iniciaram a situação do acolhimento em 2016 cerca de 2396 crianças e jovens.

Relativamente a cessar a situação de acolhimento em 2016 foram 2513 casos, sendo que cessaram a situação de acolhimento iniciado em anos anteriores a 2016 cerca de 2126 e cessaram a situação de acolhimento iniciado no ano de 2016 cerca de 387 (fig 3).

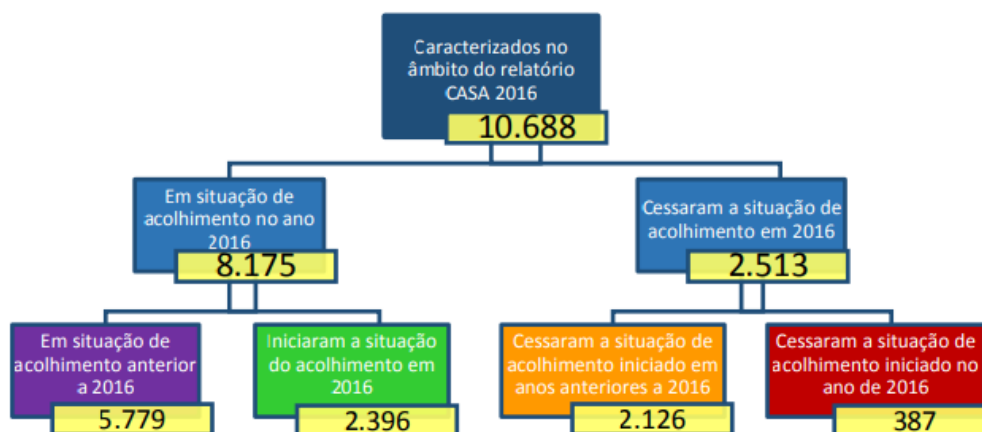


Figura 3 Crianças e jovens em situação de acolhimento, caracterizados em 2016

Fonte: ISS, I.P. (2016)

Havia em 2016, para o acolhimento de jovens em perigo, com medida de promoção e proteção: 122 Centros de Acolhimento Temporário, 181 Lares de Infância e Juventude e 7 Lares de Infância e Juventude especializados, fazendo um total de 310 Casas de Acolhimento.

Quanto à distribuição geográfica, são os distritos de Lisboa com 1.498 (18%) e do Porto com 1.352 (17%) que apresentam o maior número de crianças e jovens em situação de acolhimento. E os distritos com o menor número de crianças e jovens em situação de acolhimento são os distritos de Évora com 124 (2%) e Viana do Castelo com 164 (2%).

Relativamente ao género, como em anos anteriores, no sistema de acolhimento mantém-se uma ligeira prevalência de crianças e jovens do género masculino – 4.307 (52,7%), relativamente às do género feminino – 3.868 (47,3%). Quanto à idade, verifica-se que se mantém a tendência já registada em anos anteriores, que se traduz numa clara prevalência dos adolescentes na faixa etária 15-17 anos, com um peso de 35,6% (2.914), ainda que menor do que o registado no ano de 2015 (35,4% -3.046) (fig 4).

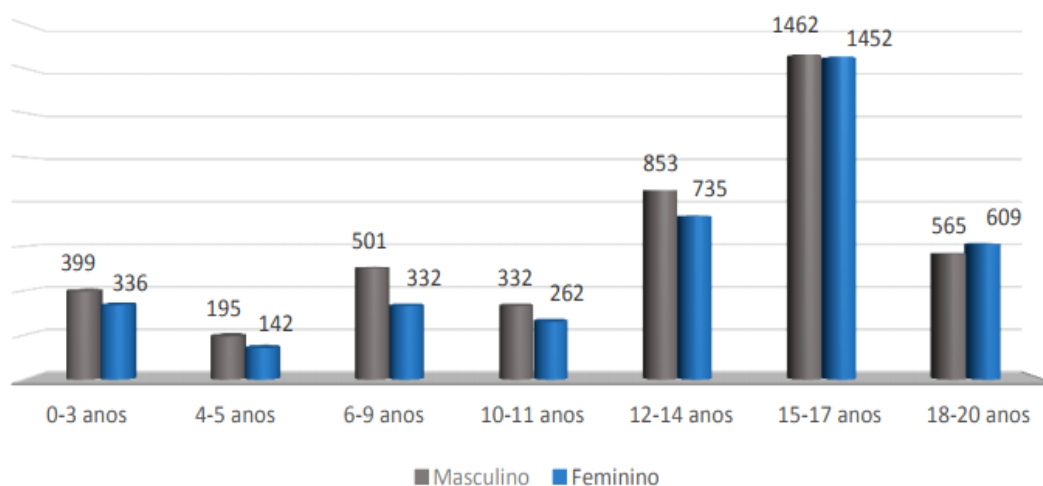


Figura 4 Crianças e jovens em situação de acolhimento, por género e escalão etário (N= 8175 crianças e jovens)

Fonte: ISS, I.P.(2016)

No que toca às problemáticas comportamentais, destaca-se a manifestação de problemas de oposição/ comportamento, identificados em 2.235 crianças e jovens, correspondendo a 45% das situações identificadas e significando que em 27% do total das crianças acolhidas foram identificadas problemáticas comportamentais (fig 5).

Pode concluir-se que as problemáticas comportamentais são predominantes em jovens, maioritariamente no fim da adolescência. Deve também considerar-se que, nas idades inferiores aos 12 anos, em que as percentagens de problemáticas comportamentais são mais baixas, os valores podem vir a ser alterados, podendo aumentar com a passagem dos anos durante o período de acolhimento, devendo ser um importante dado para que as equipas de intervenção tomem medidas preventivas.

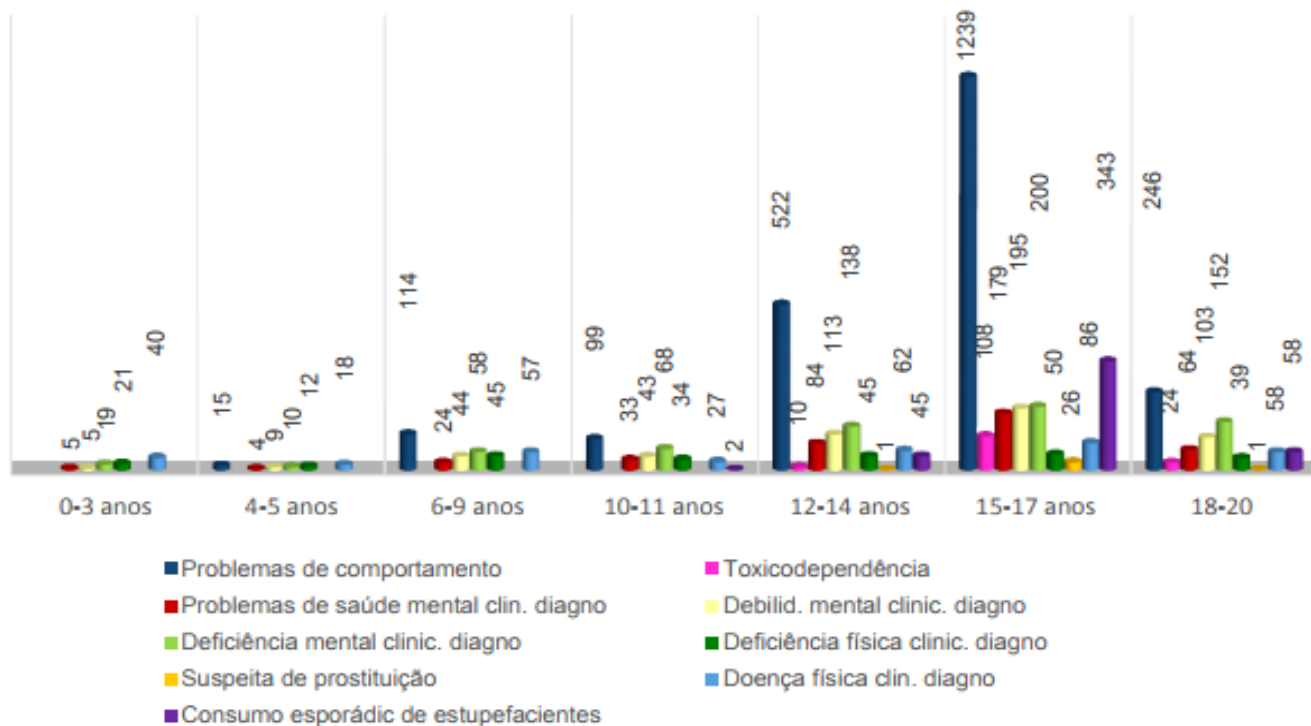


Figura 5 Características particulares das Crianças e jovens em situação de acolhimento, por escalão etário (N= 4997 crianças e jovens)

Fonte: ISS, I.P.,(2016)

Capítulo II- As Instituições de Acolhimento como organizações educativas

O educador assume um papel muito importante na vida das crianças e jovens, sendo muitas vezes visto, pelas crianças e jovens institucionalizados, como uma pessoa de referência, assim como outros técnicos (psicólogos, assistentes sociais, médicos, etc.). A existência de equipas multidisciplinares nas instituições permite a cooperação entre os diferentes saberes. Cada técnico assume competências específicas e cada um deles é importante para uma intervenção eficiente e eficaz.

A relação entre o educador e a criança/jovem deve ser uma relação de confiança, afeto, respeito e onde é imprescindível dar voz às crianças e jovens, seja para ouvir as suas necessidades, inseguranças, opiniões, etc.

A instituição que escolhi para realizar o meu estágio acolhe crianças e jovens, sendo a maioria, jovens entre os 10-14 anos (41%) e jovens entre os 15-19 (45%), podendo concluir-se que 86% dos acolhidos são adolescentes. Desta forma importa adequar o trabalho a estas idades. As temáticas aqui abordadas refletem alguns aspetos do que pode ser trabalho do educador, em alguns momentos remetendo para uma perspetiva mais escolar, noutros especificando o contacto com crianças e jovens institucionalizados, e, de certa forma, são temáticas que enquadram as minhas práticas durante o meu período de estágio, particularmente no meu principal projeto – As Assembleias de jovens.

1. Educação Não-Formal

Para caracterizar a Educação Não-Formal, La Belle (1982, citado por Gadotti,2005) define que se trata de toda a atividade educacional organizada e sistemática, que é praticada fora do quadro do sistema formal. Serve para oferecer tipos selecionados de ensino a determinados subgrupos da população. Para Gohn (2014) quando abordamos o termo educação não-formal, a comparação com a educação formal é quase que automática, sendo necessário distinguir e demarcar as diferenças entre estes conceitos: Quanto aos seus campos de desenvolvimento, a educação formal é a educação desenvolvida nas instituições escolares, com conteúdos previamente demarcados e a educação não-formal é aquela que se aprende “no mundo da vida”, através de processos de partilha de experiências, em espaços e ações coletivos do quotidiano.

Gadotti (2005) acrescenta ainda que:

A Educação Não-Formal é mais difusa, menos hierárquica e menos burocrática. Os programas de educação não-formal não precisam necessariamente seguir um sistema sequencial e hierárquico de “progressão”. Podem ter duração variável, e podem, ou não, conceder certificados de aprendizagem (Gadotti,2005).

A educação não-formal pode assumir um papel importante no trabalho que o educador desenvolve com jovens em situação de acolhimento, uma vez que, por ser menos estruturada e mais flexível, consegue mais facilmente atingir a atenção e o imaginário da juventude (Gohn, 2014), além de que, a educação não-formal potencializa o processo de aprendizagem, complementando-o com outras dimensões que não têm espaço nas estruturas curriculares, é também uma ferramenta importante no processo de formação e construção da cidadania das pessoas, em qualquer nível social ou de escolaridade, voltando-se para a formação de cidadãos livres, emancipados, portadores de um leque diversificado de direitos, assim como de deveres (Gohn, 2014), podendo estas características serem um ponto de partida para o educador trabalhar com os jovens as suas capacidades, as suas competências pessoais, sociais e morais, ajudando-os a tornarem-se adultos resilientes, motivados e conscientes. O educador pode criar dinâmicas para e com os jovens que promovam a interação, a participação e a pertença, que serão importantes para o futuro dos mesmos, mas também como forma de criar uma maior proximidade entre os jovens e a instituição.

2. Participação: Autonomia e tomadas de decisão - A voz das crianças e jovens

A Participação é um conceito caracterizado por vários autores que o associam à democracia ou a algo de carácter positivo. Nirenberg (2006) refere que participar, de forma mais genérica, é “estar envolvido, tomar parte ou influenciar nos processos, nas decisões e nas atividades num contexto ou campo de ação em particular” (Nirenberg, 2006, citado por Boghossian & Minayo, 2009).

Pérez (1998) afirma ser um direito fundamental dirigido a todos os seres humanos, não devendo ser visto como uma obrigação ou como um privilégio concedido apenas a alguns. Assim todo e qualquer ser humano tem capacidades, adequadas à idade,

para participar, contribuindo para o seu próprio desenvolvimento, da sua família e da sua comunidade (Perez, 1998, citado por Pina, 2016).

Wenger (2002) acrescenta ainda que a participação é um processo de aprendizagem construído com os outros. O autor salienta a aprendizagem, que da participação advém, e a importância da interação nesse processo: “é um processo complexo que combina fazer, falar, pensar, sentir e pertencer. Ela envolve a pessoa total, incluindo o nosso corpo, mente, emoções e relações sociais” (Wenger, 2002, citado por Pina, 2016).

A Participação deve ser estimulada desde cedo também nas crianças e jovens em questões que lhes dizem respeito. Importa dar oportunidade às crianças e jovens para participarem. Esta necessidade surge a partir do momento em que se considera as “crianças como atores sociais com direitos” (Tomás & Gama, 2011, citados por Pina, 2016), presente na Convenção sobre os Direitos da Criança (1989).

De acordo com esta Convenção, adotada pela Assembleia Geral nas Nações Unidas em 1989, toda e qualquer criança “*tem o direito de exprimir livremente a sua opinião sobre as questões que lhe digam respeito e de ver essa opinião tomada em consideração*” (p.10) Não só as crianças como também os jovens.

Soares (2006) reforça que as crianças devem ser consideradas indivíduos ativos e intervenientes, quer na tomada de decisões, quer na ação. Esta participação está ligada ao poder, que desde sempre tem ficado retido nas mãos dos adultos. Isso acontece muitas vezes porque os adultos consideram que a participação das crianças significa a diminuição do poder e tutela sobre as mesmas. Também porque a sociedade continua a ver as crianças como dependentes da proteção dos adultos e incapazes de assumir responsabilidades ” (Soares, 2006, citado por Pina, 2016).

Segundo Knigh (2014, citado por Caetano, Freire, Vassalo, Machado & Bicho, 2016) a utilização de processos de diálogo e compreensão de pares são formas de empoderamento, que capacitam os jovens não só para a comunicação intercultural, como também para a tomada de decisões. O diálogo não é conseguido apenas através de palavras mas sim estendido a todas as formas de comunicação. Bohm (1996) defende que o diálogo é um subconjunto da comunicação onde cada parte expressa ideias e observa similaridades e diferenças nas ideias do outro, procurando algo novo, e relevante para

ambos os pontos de vista, interagindo, para fazer algo comum, “para criar algo novo em conjunto” (Bohm,1996 citado por Caetano et al, 2016).

Existem inúmeros autores a reconhecer a importância da participação dos jovens, no entanto afirmam que os jovens estão cada vez mais afastados da mesma, principalmente em assuntos relacionados com política. Ainda assim, um estudo de Ribeiro e Menezes (2008, citado por Pina, 2016), concluiu que apesar da pouca percentagem de participação dos jovens, a Internet tem sido um meio importante cada vez mais utilizado pelos mesmos, onde os jovens se expressam.

Os jovens têm os seus próprios valores, visões do mundo e estilos de vida, refletindo as diferentes culturas a que pertencem, cabendo aos profissionais utilizar pedagogicamente essa diversidade e os recursos que ela oferece (Conselho Europeu, 2008, citado por Caetano et al, 2016).

Harris (2006, citado por Boghossian & Minayo, 2009) salienta a importância de pensar a participação juvenil a partir das instituições públicas. Algumas das pesquisas feitas neste sentido colocam a instituição escolar como um lugar privilegiado para o exercício de participação dos jovens. Gibson (2001) recomenda uma abordagem de dupla direção: que estimule o empoderamento cívico da juventude e que inclua também melhorias nas práticas no ambiente escolar e na formação dos professores, o que deve ser integrado em programas de educação para a cidadania nas comunidades (Gibson, 2001, citado por Boghossian e Minayo, 2009).

Shier (2001, citado por Pina, 2016) propõe cinco níveis de participação que podem ser adaptados aos jovens:

Nível 1 – A criança é ouvida: quando a criança expressa a sua opinião é preciso garantir que é ouvida pelo adulto;

Nível 2 – A criança é apoiada a expressar os seus pontos de vista: reconhece-se que, para que a criança possa expressar as suas opiniões abertamente, é preciso que o adulto a incentive a tal e que valorize o que expressa e não a julgue ou critique;

Nível 3 – As opiniões da criança são tidas em conta: embora as opiniões da criança sejam tidas em conta, não significa que as tomadas de decisão sejam de acordo com as suas opiniões. São tidas em conta, sempre que isso

se justifique e faça sentido. Pode-se também explicar à criança os motivos que levam a determinadas decisões, para que esta não se iniba de continuar a expressar as suas opiniões, e pode-se procurar com ela outras formas de atingir os seus objectivos;

Nível 4 – A criança é envolvida nos processos de tomada de decisão: a criança está envolvida directamente nas tomadas de decisão e não apenas na consulta das suas opiniões;

Nível 5 – A criança partilha o poder e a responsabilidade na tomada de decisão: implica que o adulto se comprometa a partilhar, em dar um pouco do seu poder à criança, porém a criança não é obrigada a responsabilizar-se, a comprometer-se com coisas que não queira. Isso não significa que se transfira para a criança as responsabilidades ao ponto de esta “passar a ser o adulto” e vice-versa (Shier, 2001, citado por Pina, 2016).

De acordo com o Manual de Boas Práticas para o Acolhimento Residencial (ISS,2005) estimular a participação de crianças e jovens institucionalizados nas instituições em que residem deve ser também um desafio. As crianças e jovens acolhidos devem participar na vida da estrutura residencial. Deve existir um livro de sugestões e a Direção deve tomar a iniciativa de chamá-los a dar o seu parecer sobre o regulamento interno. As decisões que afetam estas crianças e jovens podem-lhes ser explicadas antes de ser implementadas, dando oportunidades às crianças e jovens de se exprimirem e mostrar outras sugestões. As atividades também devem ser debatidas com os residentes, que têm uma palavra a dizer sobre a escolha dos passeios, os destinos de férias e outros.

É extremamente importante a participação das crianças e jovens como é de igual modo importante investir para que a sociedade reconheça e valorize a participação. Os mecanismos de participação precisam de estar atualizados, ser criativos e mobilizadores para que todas as crianças e jovens possam marcar cada vez mais e melhor a diferença.

3. Dinâmicas de grupo e desenvolvimento interpessoal

As dinâmicas de grupo ganharam maior importância a partir da década de quarenta do século passado, com as contribuições de Kurt Lewin (Silva, 2008, p.83). A dinâmica de grupo, vista como processo interativo humano e eficaz na aprendizagem, levou também à criação dos “T-Groups”(Grupos de Treino), sendo através destes grupos percebida a importância de se estabelecer um processo reflexivo sobre como a realização de dinâmicas pode contribuir eficaz e eficientemente para a melhoria da atuação do homem (Silva, 2008, p.83).

Silva (2008), refere que a aplicação de atividades de dinâmica de grupos tem-se constituído um dos métodos mais relevantes não só para a realização de processos educacionais formais, como também em organizações vinculadas às atividades de cunho social e ao Terceiro Setor.

As dinâmicas de grupo possuem um caráter de natureza lúdica, constituindo-se um poderoso agente de mudança. São caracterizadas por serem ações de curta duração, fazendo uso de técnicas específicas e apropriadas que motivam o envolvimento. Podem ser atividades que vão desde “atividades de aquecimento”, que levam os participantes a comportamentos integradores e de mútua aproximação, a atividades de aprendizagem de alguma habilidade, passando por momentos de reflexão e de mudança atitudinal.

As dinâmicas de grupo, como atividades educacionais, devem necessariamente atribuir algum significado ao que é experimentado pelos participantes, permitindo que essa apreensão seja aproveitada para a realidade do indivíduo e que lhe possa servir de instrumento de revisão futuro (Silva, 2008, p.83)

Ainda assim, Silva (2008) defende que as dinâmicas não devem ser vistas como “novo” estilo de ensino, devem sim ser estratégias pedagógicas que têm validade na alteração comportamental das pessoas.

As atividades grupais são formas de edificar o conhecimento coletivamente. Para Vygotsky (1981, citado por Cunha, Silva & Alcântara, s.d) as relações interpessoais têm um papel muito importante no processo de aprendizagem, onde o grupo é um forte e importante instrumento para a prática de educação e para promover a aprendizagem participativa.

Agnol (2003, citado por Cunha et al, s.d), afirma que os ‘processos grupais dependem da atividade imposta e das características dos indivíduos, favorecendo a composição do grupo a bagagem de cada sujeito.

Já para Rivière (1998, citado por Cunha, et al, s.d), para que exista um grupo é imprescindível que os sujeitos sejam movidos por um objetivo comum, que se unam em torno de uma atividade específica e que haja um equilíbrio de tempo e espaço. Desta forma os indivíduos deixam de ser um agrupamento, passando a assumir uma parcela de comprometimento dentro do grupo, em prol de um objetivo comum. Neste contexto, uma das características de um grupo é o ensino-aprendizagem, sendo o objetivo aprender a aprender.

Segundo Cunha et al (s.d) aprender em grupo é um processo que ajuda na preparação dos sujeitos para a convivência social, é a troca e a interação do saber e das trocas de experiências que existem na essência cultural de cada participante do grupo.

4. Gestão de conflitos em contexto educacional

Segundo Neves (2011, citado por Jesus, 2012) para haver conflito é necessário que cada uma das partes interprete a situação, depois que exista alguma forma de oposição e incompatibilidade, e por último que ocorra alguma forma de interação ou de interdependência entre as partes. Bilhim (1996, citado por Jesus, 2012) defende o conflito como um processo no qual o esforço é propositadamente feito por “A” para destruir o esforço de “B”, com recurso a qualquer forma de bloqueio que resulte na frustração de “B”, no que concerne à prossecução das suas metas e ao desenvolvimento dos seus interesses.

Para muitos autores, o conflito é visto como algo negativo, associando-o a uma ideia de “perigosidade” ou de “malefício” Já para outros, pode ser visto como útil, na medida em que por vezes pode melhorar algum aspeto do funcionamento individual, as pessoas alteram a sua atitude face ao conflito, passando-o a caracterizar como positivo (Neves, s.d. citado por Jesus, 2012). Para Neves (s.d. citado por Jesus, 2012) o conflito é visto “como algo que é necessário encorajar em termos de surgimento, no pressuposto de que o conflito é algo de benéfico para estimular a inovação e criatividade dos comportamentos, das atitudes e das cognições.”. Quando as pessoas têm um estatuto

social semelhante e capacidade para se enfrentarem na dita situação, estão em condições de afrontar conflitos e de resolvê-los criativamente” (Amado e Freire, 2002, citado por Jesus,2012). Deste modo, pode-se considerar que a opinião dos autores acerca do conceito de conflito diverge em dois sentidos diferentes, podendo ser para uns positivo e para outros negativo.

Segundo Neves e Carvalho (2011, citado por Jesus, 2012) os conflitos podem ser de vários tipos: individuais, grupais, funcionais, organizacionais e ambientais.

No entanto, podem também existir outros tipos de conflito, podendo classifica-los de acordo com Johnson e Johnson (1995, citado por Jesus, 2012) como: Controvérsia - quando apesar da controvérsia entre ambas as partes, existe disponibilidade para o consenso. Conflito Conceptual - quando a incompatibilidade de ideias não dá espaço para acordo; Conflito de interesses – quando as ações de um indivíduo limitam as ações do outro, impedindo que o mesmo atinja os seus objetivos; Conflito desenvolvimental – que ocorre entre adultos e crianças.

Autores de diversas áreas têm-se debruçado sobre as diferentes formas utilizadas pelos indivíduos para enfrentar o conflito. Jares (2002, citado por Luis, 2009) apresenta cinco estilos: competição- quando se procura satisfação dos interesses pessoais à custa da outra parte do conflito, é uma estratégia de ganhar ou perder. Fuga ou evitamento- traduz-se em não enfrentar os conflitos, mesmo sabendo que existem. Compromisso- tratando-se de um acordo que possa satisfazer ambas as partes, baseada na negociação. Acomodação- quando uma pessoa renuncia os seus interesses pessoal em prol do outro. Colaboração/ cooperação- traduz-se na preocupação de se satisfazer os interesses pessoais de ambas as partes, é uma estratégia de ganhar ou ganhar.

Quanto às competências a serem mobilizadas pelo educador para a resolução de conflitos entre os educandos, Perrenoud (2000, citado por Jesus,2012) defende existirem várias, sendo algumas focadas em evitar o conflito nas escolas/instituições e outras em encontrar as devidas estratégias para os resolver. Deste modo, as competências para que o educador consiga evitar/gerir/resolver os conflitos poderão passar pelo trabalho em equipa, o conflito deve ser visto como uma componente da ação coletiva Enfrentar os deveres e os dilemas éticos da profissão, lutar contra os preconceitos e as discriminações. No entanto o educador deve manter-se sempre no seu papel de adulto e sempre que necessário assumir-se como responsável, mantendo a autoridade na gestão do conflito.

Segundo Ballenato (2008, citado por Jesus, 2012) existem alguns três fatores fundamentais para uma resolução adequada de problemas, podendo servir de base ao trabalho do educador com os jovens: - Utilização do diálogo, aproveitando adequadamente a comunicação como um instrumento útil estimular opiniões, partilhar sentimentos, reunir esforços, encontrar alternativas; - Desenvolver a empatia, capacidade de se colocar no lugar do outro, permitindo assim compreender os outros pontos de vista, - Mostrar assertividade, admitindo uma atitude e comportamento que permita respeitar os outros sem violar os seus direitos e desejos.

5. Educação emocional e ética

O papel do educador é cada vez mais complexo, carregando consigo cada vez mais responsabilidades e tarefas, quer sejam administrativas ou até de cariz ético. Desta forma, é emergente que se trabalhe no sentido de dar maiores competências aos profissionais para poderem fomentar a tão necessária educação emocional e ética nos jovens e promover assim também, em si mesmos, condições de bem-estar na sua profissão (Estrela, 2010).

Esta autora apresenta várias razões que levam à necessidade de se desenvolver, quer no educador quer nos educandos, a educação emocional:

O reconhecimento cada vez mais fundamentado da relação entre cognição, emoção e ética e do funcionamento holístico do ser humano; a importância da afetividade como um dos pilares do convívio humano, facilitando ou impedindo a tolerância e a solidariedade; os novos desígnios de educação escolar que nos chamados quatro pilares da educação contemplam o saber viver; o papel supletivo da escola em relação a défices da educação familiar; as tensões geradas por um ensino competitivo como preparação para uma sociedade competitiva; o papel dos sentimentos na regulação da relação pedagógica (Estrela, 2010, p.40).

Para a autora, a educação emocional pressupõe uma ética interligada e torna-se especialmente pertinente a formação dos profissionais nesta área para que os mesmos possam ter a seu cargo a “alfabetização emocional” dos alunos. (Estrela, 2010).

O conceito de literacia emocional, caracterizado por Matthew (2006, citado por Estrela, 2010), consiste na capacidade de compreender as próprias emoções, assim como de ouvir

os outros, de ter empatia com as emoções e a capacidade de as saber exprimir de modo produtivo. Ser letrado, sob este ponto de vista, significa ser capaz de lidar com as emoções de modo promover o poder pessoal e qualidade de vida em torno de nós. A literacia emocional promove relações, cria amor, torna possível o trabalho cooperativo e facilita o sentido de comunidade.

A literacia emocional pode ser desenvolvida através da educação emocional, que é um processo educativo permanente promotor do desenvolvimento das competências emocionais, essencial para o desenvolvimento integral do indivíduo, de forma a capacitá-lo para a vida e com a finalidade de aumentar o seu bem-estar pessoal e social.

De forma a potenciar este bem-estar pessoal e social, é importante que a educação emocional seja inculcada desde logo nas crianças (Estrela, 2010).

Capítulo III – Estágio numa Instituição de Acolhimento de Crianças e Jovens

Neste capítulo pretende-se descrever e refletir o processo de estágio. No início do estágio, comecei por conhecer a equipa da instituição e por fazer algumas observações. Após me apresentarem o funcionamento e as dinâmicas da casa, comecei a ter algum contacto com as crianças e jovens que lá residiam. A relação que ao longo do tempo fui criando com as crianças e jovens foi fulcral para a minha intervenção. Depois de desempenhar algumas tarefas definidas pela minha orientadora, comecei a ter alguma autonomia e a desempenhar atividades com as crianças e jovens, em seguida, a envolver-me em projetos da casa e por fim, a participar no projeto das Assembleias de Jovens.

1. Caracterização da Instituição

A informação apresentada nesta secção foi retirada de documentos internos da instituição, elaborados pela equipa técnica e direção da instituição promotora, alguns pormenores foram também fruto das minhas observações durante o processo de estágio.

A instituição onde decorreu o meu estágio está localizada numa quinta situada na região de Lisboa. Este espaço foi, entre os anos 1990 e 2001, um lar de acolhimento para situações diversificadas como: para acolhimento de refugiados; candidatos a asilos; famílias dos PALOP. Os acolhidos eram na maioria provenientes de situações de guerra e/ou situações de doença. Durante os anos 2002 a 2006, foi também uma Comunidade de Inserção de Famílias Monoparentais e um acolhimento para menores em risco. Desde 2004 até ao presente ano, é nomeado como Centro de Alojamento Temporário, ainda que possua características de Lar de Infância e Juventude. O nome de Centro de Alojamento Temporário (CAT) manteve-se devido a historicidade do mesmo, mas esta instituição é vista como um Lar de Infância e Juventude, assumindo as características de lar.

Nesta instituição residem, até ao momento, cerca de 47 crianças e jovens, desde os quatro anos de idade até à maioridade, que foram retirados às famílias por decisão judicial. O CAT responsabiliza-se pelo acolhimento destas crianças e jovens, tentando acompanhá-las a todos os níveis e tentando assegurar-lhes um ambiente familiar, seguro e afetivo, sempre com o propósito que o acolhimento seja a criação de uma nova esperança. Pretendem ainda inculcar princípios e valores que promovam o respeito por si

e pelos outros, trabalham ao nível dos afetos acreditando assim no potencial de crescimento e o lado saudável de cada um, por mais que as experiências anteriores tenham sido traumáticas.

Quanto às condições espaciais da casa, o CAT tem em seu redor um grande espaço verde onde as crianças e jovens podem brincar e fazer inúmeras atividades, tem também um campo de jogos polivalente, um campo de volley de praia e um parque infantil. A casa tem três pisos e um sótão, distribuídos, no piso 0 uma zona de refeitório, cozinha e lavandaria, no piso 1 uma zona de estar (sala de estar), sala de atividades, atelier de apoio ao estudo, gabinetes e uma capela, no piso 2 existem 13 quartos e 3 Wc's e por fim, no sótão 3 quartos e 2 Wc's. Anexada à casa há também uma sala de atividades, um armazém de donativos e um ginásio.

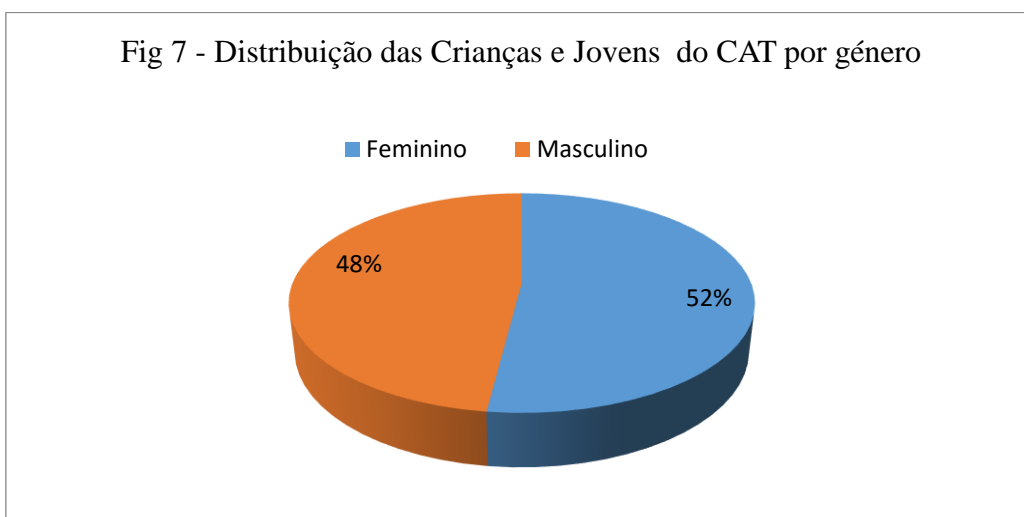
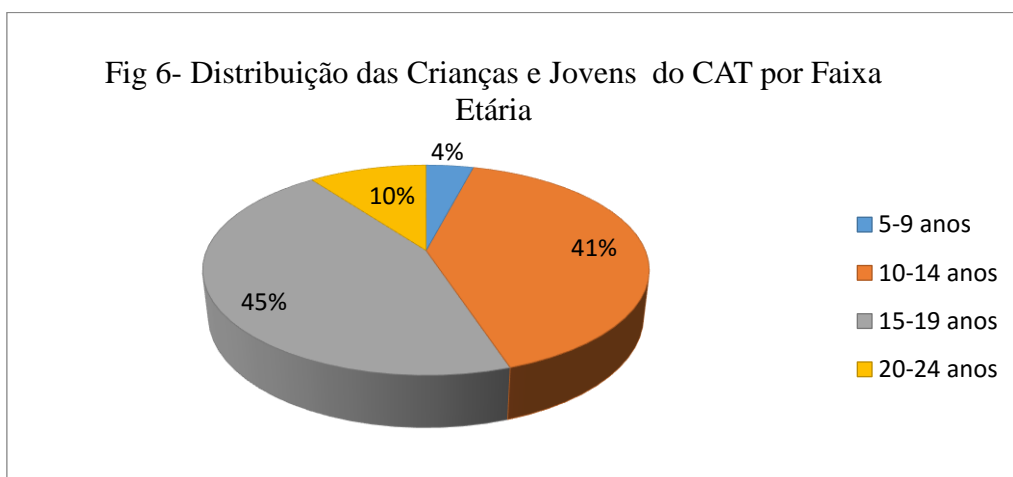
Esta instituição articula-se com entidades públicas e privadas que lidam com a problemática das crianças/jovens em risco e valoriza o estabelecimento de parcerias com a sociedade civil, que constituem uma mais-valia para a sua intervenção.

A Equipa do CAT é constituída por 32 elementos, divididos em três turnos e conta também com o apoio semanal de uma médica pediatra e de uma terapeuta familiar. A Equipa Técnica é composta por dois Educadores Sociais, um Psicopedagogo e duas Psicólogas, estando o Serviço Social ao cargo de uma das psicólogas. Quanto à Equipa de monitores, esta é composta por 4 monitores e 10 auxiliares que têm a seu cargo crianças e jovens de referência. Cada técnico tem aproximadamente 10 a 12 crianças a seu cargo, desempenhando o papel de encarregado de educação das mesmas. Na Equipa da cozinha, existe ainda uma cozinheira e 8 auxiliares de cozinha, e a Equipa da lavandaria é composta por duas funcionárias.

O acolhimento de crianças e jovens é a função principal desta casa e, em torno dele, desenvolvem-se várias outras funções como: a prestação de cuidados de saúde, Educação/ Formação, apoio ao estudo, apoios educativos especiais, treino de competências pessoais e sociais, inserção profissional/promoção da autonomia, a articulação com as famílias, a organização e gestão das atividades da vida diária, desportivas, atividades lúdicas/culturais, colónias de férias, a promoção e organização do voluntariado, a articulação com os organismos da comunidade, orientação de Estágios, promoção de ações de mecenato e de responsabilidade social das empresas e a gestão dos vários projetos (Projeto de Voluntariado, Projeto da Responsabilidade Social, Projeto da

Biblioteca Comunitária, Projeto “Famílias Amigas”) que serão explicitados no ponto - Participação noutros Projetos.

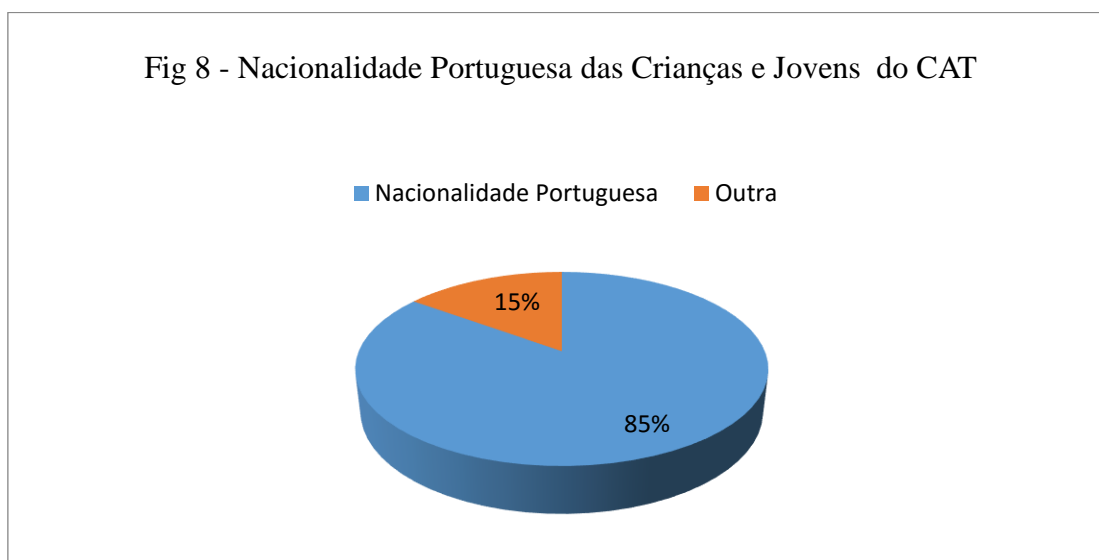
Perfil das Crianças/Jovens do CAT



No CAT há um grande número de jovens com idades compreendidas entre os 15 e os 19 anos, e em seguida entre os 10-14. A faixa etária com menos percentagem são os 5-9 anos, ainda que possam ser admitidas crianças com 4/5 anos, a criança mais nova no CAT tem 8 anos.

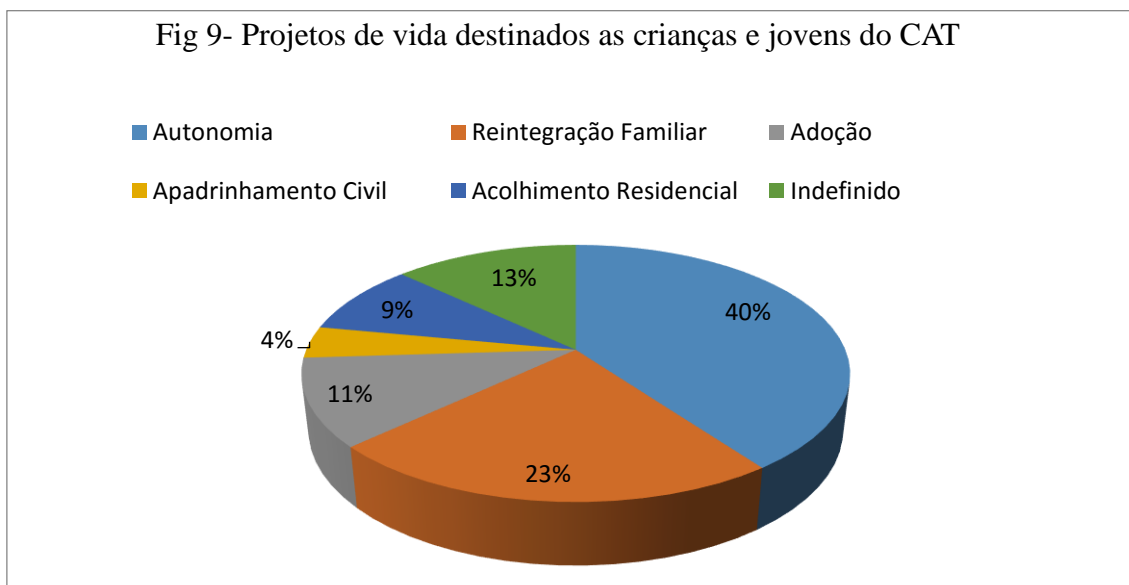
Quanto aos sexos, há pouca diferença entre eles, ainda que haja maior percentagem de crianças / jovens do sexo feminino.

Nacionalidade



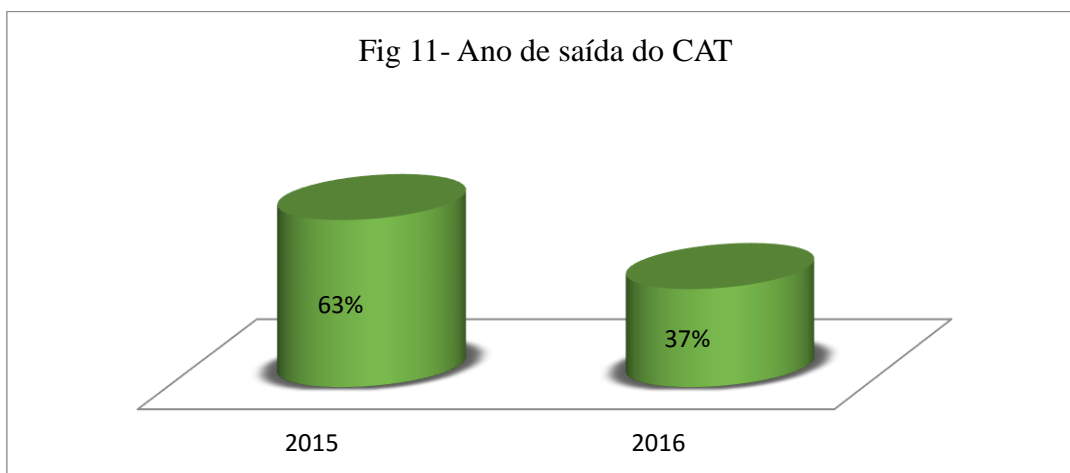
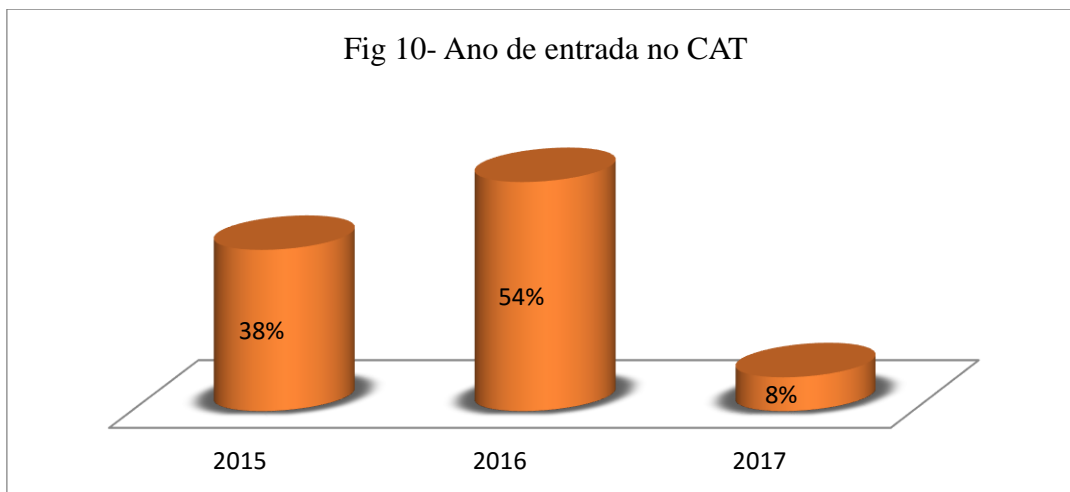
No CAT a maioria das crianças e jovens tem nacionalidade portuguesa (85%), apenas 15% possui outra nacionalidade, sendo que destes 15% dois dos jovens estão a aguardar confirmação de pedido de nacionalidade portuguesa.

Projeto de Vida das Crianças e Jovens Institucionalizados



Tal como é possível observar, o projeto delineado para a maioria dos jovens é a Autonomização (40%), a partir dos 17 anos inicia-se o processo de autonomia por não existirem condições de regresso à família. O apadrinhamento civil, surge como opção de menor percentagem. Quanto aos projetos indefinidos correspondem a jovens que por terem sido admitidos no CAT recentemente ainda não têm um projeto definido.

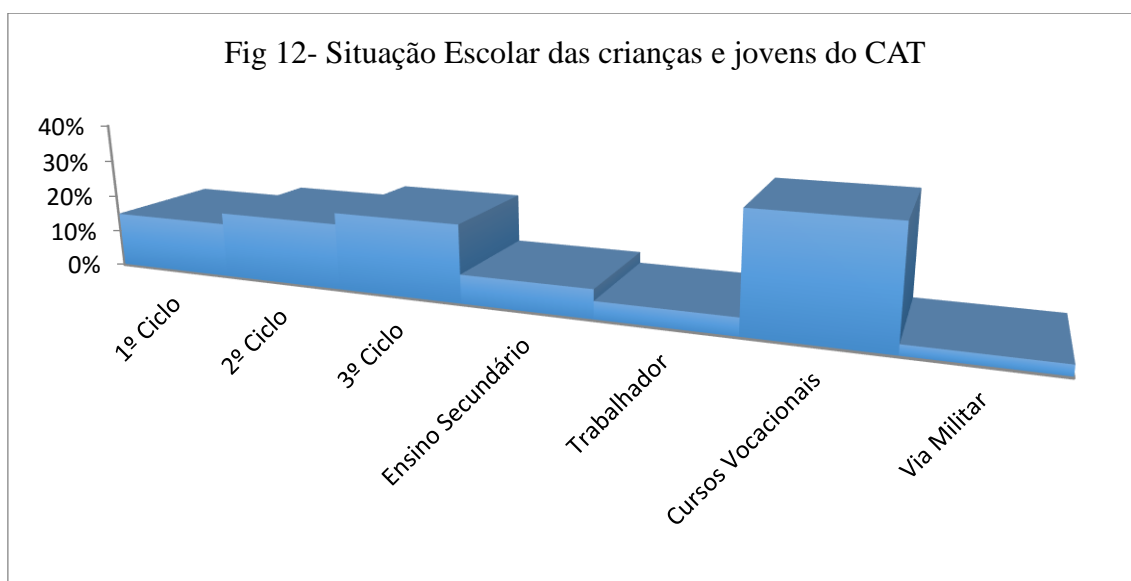
Entrada vs Saída



Pode-se concluir assim que, até à data, o ano que teve maior admissão de crianças e jovens foi 2016, relativamente ao ano de 2017, pude acompanhar durante os meus oito meses de estágio 8 admissões.

Quanto ao ano das saídas, houve um maior número de saídas em 2015 comparativamente a 2016.

Situação Escolar



Até à data, encontram-se no ensino regular 20 crianças e jovens, 5 em ensino especial. A maior percentagem está nos jovens que frequentam cursos vocacionais, quanto à menor diz respeito aos jovens que já trabalham.

2. Projeto: Assembleias dos Jovens

A informação apresentada nesta secção foi-me dada a conhecer pelo coordenador do projeto, assim como foi também fruto das minhas observações e envolvência no projeto.

Designação do Projeto

Este projeto designa-se por Assembleias de Jovens, tratando-se de encontros mensais entre os jovens da instituição e um ou mais elementos da equipa técnica /educativa. Com este projeto pretende-se dar voz aos jovens relativamente aos assuntos da casa que lhes dizem respeito.

As assembleias acontecem na sala de estudo/ biblioteca do CAT, decorrem às terças-feiras, pelas 21 horas, sendo o melhor horário para juntar os jovens, que a essa hora já terminaram os apoios, atividades desportivas e já jantaram. As assembleias têm, por norma, uma estrutura pré-definida e duram entre uma/uma hora e meia, havendo três momentos principais. Esta estrutura passa por:

- Incorporar uma atividade inicial quebra-gelo, contextualizando muitas vezes, o tema que vai ser tratado naquela sessão;
- Em seguida é exposto o tema ou temas que se pretendem tratar, podendo ser temas novos ou temas referentes a assuntos de outras assembleias, o que chamámos “ponto da situação”;
- E por fim, surge um momento completamente livre onde os jovens decidem o que iremos fazer.

Por vezes a estrutura pode ser alterada, durante a sessão.

Natureza do projeto

O projeto das Assembleias de Jovens surgiu no CAT no ano de 2012. Este projeto foi levado a cabo por um dos técnicos da equipa da instituição que, em reunião com colegas de outras instituições, lhe foi apresentado um projeto do mesmo cariz, participação das crianças e jovens, com o nome “Voz Activa”. Após saber o sucesso desse mesmo projeto

e depois do técnico ter feito uma análise e diagnosticado alguns problemas, decidiu implementar a ideologia no CAT, adaptando-o às necessidades dos jovens e à instituição.

Os problemas diagnosticados foram os seguintes:

- a) Inexistência de dinâmicas que promovam a capacitação e o empoderamento dos jovens na dinâmica do CAT;
- b) Pouca ou nenhuma participação e implicação dos jovens nas tomadas de decisão nas rotinas do CAT;
- c) Falta de Comunicação entre jovens e a equipa da casa (técnicos, monitores e direção);
- d) Dificuldade estimular os jovens na construção do seu projeto de vida;
- e) Baixa autoestima e autoconceito dos jovens;
- f) Insucesso escolar dos jovens no CAT;
- g) Problemas de comportamento dos jovens na escola e no CAT;
- h) Práticas regulares de consumos de estupefacientes e comportamentos sexuais de risco nos jovens;
- i) Dificuldade na reinserção de jovens em situação de risco e com comportamentos desviantes;
- g) Conflitos entre os jovens da casa;

Este projeto foi apresentado e aceite em reunião de equipa da instituição e colocado em prática cerca de um mês depois, ainda sem ter sido criado nenhum documento que fundamentasse o mesmo.

Depois de alguns meses de estágio, foi-me proposta a participação neste mesmo projeto pelo técnico e coordenador do mesmo e, sendo um projeto que me interessava bastante e que ia de acordo com a minha área de formação, decidi participar. Comecei por ir assistir a uma Assembleia de Jovens no dia 6 de Dezembro de 2016, onde apenas observei e tirei notas. Visto não existir nenhuma ficha deste projeto propus-me a criar uma que ficou como um documento orientador da instituição. Fiquei também responsável por planificar

as seguintes assembleias a partir de 2017, preparar os materiais precisos e a criar atas no final destas sessões, que eram apresentadas pelo coordenador do projeto à equipa e discutidas. Durante as sessões, orientava as atividades iniciais quebra-gelo e em seguida e técnico prosseguia com a segunda parte da sessão, onde eu aproveitava para ir fazendo anotações, havendo sempre espaço para intervir, por fim, no terceiro momento, os jovens sugeriam assuntos que gostavam de tratar ou histórias que gostavam de partilhar. Foi criada também uma caixa chamada “Caixa de Sugestões”, que foi colocada numa das salas de convívio dos jovens, que servia para os jovens deixarem, durante o mês, assuntos que gostavam de discutir neste terceiro momento das assembleias, estas sugestões eram escritas em papéis, anónimos e a caixa era levada para todas as assembleias.

Finalidade do Projeto

O projeto das Assembleias de Jovens tem como objetivo geral:

- Aumentar o envolvimento e a participação dos jovens nos assuntos da instituição

Quanto a objetivos específicos:

- Dar aos jovens a oportunidade de participarem ativamente na vida da instituição onde residem;
- Facilitar a comunicação entre os jovens e a equipa técnica, educativa e direção do CAT;
- Desenvolver a consciência cívica dos jovens, apostando no desenvolvimento do espírito de iniciativa e autonomia, através de dinâmicas de teor não formal;
- Incentivar a coesão e o trabalho em grupo, respeitando as diferentes maneiras de pensar, experiências e contextos culturais;
- Promover a tolerância e solidariedade entre os jovens do CAT;
- Consciencializar os jovens do impacto que as suas posições e decisões podem ter no seu futuro;

Desenvolvimento do Projeto

Assembleia 6 de Dezembro

Esta foi a primeira assembleia em que participei. Foi uma assembleia um pouco diferente do habitual pois foi alusiva ao Natal. No início da assembleia o técnico explicou aos jovens que eu iria começar a participar nas sessões, sendo muito importante este enquadramento, pois durante estas assembleias os jovens partilham assuntos pessoais, tornando-se essencial um grande nível de proximidade e de confiança entre mim e os jovens. Os jovens encararam esta mudança de forma positiva o que me deixou bastante satisfeita.

Como já referi, esta sessão foi diferente do habitual, e foi proposto aos jovens que escrevessem uma carta natalícia a pedir algo para outra pessoa presente na sessão, algo fora do habitual, conversando com os jovens sobre a importância de pensar nos outros e ser solidário. Foi feito um sorteio para decidir quem ficaria com quem e estes resultados eram confidenciais, ou seja, não se poderia divulgar o autor da carta, apenas para quem o pedido se destinava. Com estas cartas pretendia-se formar uma árvore de Natal diferente e colocar no hall de entrada da casa. A atividade foi bem-sucedida, os jovens estiveram sempre interessados e todos concluíram a tarefa. No final da atividade recolhi todas as cartas e durante a seguinte semana criei a árvore de Natal, que chamou bastante à atenção de quem passava pelo hall.

Assembleia 19 de Janeiro (Anexo I)

Esta assembleia contou com 24 participantes, contando comigo, com o técnico responsável do projeto e com a diretora que foi convidada para assistir. A planificação passava por começar com uma i. Atividade Quebra-gelo- Jogo da Caixa; ii. Pedir autorização para apresentar os quartos; iii. Discutir a alteração de regras, horários, etc, dos quartos; iv. Propor uma assembleia exclusiva só para se falar sobre os quartos e v. Eleger um representante dos jovens; vii. Informar como se faz requerimentos e abaixo assinados; viii. Assistir ao vídeo “Aceitarmo-nos como somos”. A ordem da planificação foi alterada durante a sessão.

Começámos por fazer uma atividade chamada “O jogo da caixa”, sendo uma atividade característica da educação não-formal, onde os jovens trabalham as suas qualidades pessoais. Elaborou-se um cartaz com as características que os jovens iam dizendo sobre eles. Surgiram adjetivos como: bonito, sensível, feio, maluco, envergonhado, inteligente, preguiçoso, inseguro.

Em seguida e dentro do mesmo contexto visualizámos um vídeo também ele com o intuito de refletir as características, as diferenças e a aceitação. Foram também partilhados outros exemplos reais sobre o tema.

Iniciámos um novo tema relativamente aos quartos onde inicialmente perguntámos aos jovens se aceitavam ou não que os seus quartos fossem apresentados a visitas, a maioria dos jovens não autorizaram e organizamos uma tabela com essas informações para serem entregues em reunião de equipa.

Ainda relativamente aos quartos foi sugerido aos jovens a colocação de cadeados nos armários e foi assinado por eles um documento onde aceitavam dividir o armário com outra pessoa. Apenas duas jovens quiseram dividir o armário. Apercebi-me pelas justificações dos outros jovens que não confiavam em guardar os seus bens pessoais com os outros.

Em seguida, falamos sobre a criação de uma assembleia exclusiva só para se tratar dos assuntos que os jovens queriam expor em relação aos quartos, os jovens ficaram a discutir o assunto e como não queriam eleger um representante/porta-voz, disseram que não achavam necessária uma assembleia só para tratar desse assunto. Apercebi-me no entanto, por alguns comentários dos jovens, que esta reação que tiveram era também pelo facto de que levar esta assembleia para a frente daria trabalho, uma vez que precisava por parte dos mesmos, de uma organização prévia, e que os mesmos não estavam dispostos a isso. Falámos com os jovens sobre a existência de documentos como o abaixo-assinado e o requerimento, explicámos como se fazem e para que serve cada um deles.

O último momento, momento livre, foi ocupado com questões e assuntos que os jovens tinham para esclarecer, onde fui anotando para trazermos respostas numa próxima assembleia.

Assembleia 7 de Fevereiro (Anexo II)

A assembleia contou com 24 participantes, contando comigo e com o técnico responsável do projeto. A planificação consistia em i. Abordar novamente o assunto dos quartos, ii. Apresentar o “ponto da situação” do que foi partilhado no último momento da assembleia de 19 de Janeiro e iii. Apresentar o mapa do desporto.

Nesta assembleia começámos por falar sobre a Assembleia exclusiva que se pretendia fazer, pois os jovens não se tinham mostrado interessados pela ideia na assembleia anterior e tínhamos percebido que era apenas porque não queriam ter trabalho com a preparação da mesma. Explicámos aos jovens que esta assembleia era uma boa oportunidade para refletirem e darem sugestões sobre que consideram que está mal nas regras dos quartos, de uma forma mais organizada, o que seria mais eficaz. Sugerimos novamente que fosse eleito um ou dois representantes que pudessem orientar o grupo, a fim de ser mais fácil a junção dos jovens e a preparação para esta assembleia sobre os quartos. Insistimos nesta ideia porque seria interessante perceber se os jovens, entre eles, conseguem organizar-se e levar a cabo as suas ideias, sem a necessidade da nossa intervenção em todas as situações. Mais uma vez os jovens recusaram a ideia e que comprovou que os jovens ainda não se sentem à vontade, nem motivados para expor os seus problemas e defender os seus interesses deste modo mais formal, optando por apenas por fazê-lo, muitas vezes de maneira desenquadrada, durante as assembleias.

Em seguida apresentámos um quadro com os vários pontos que tinham sido abordados pelos jovens na assembleia passada e fizemos um ponto da situação, ou seja, mostrámos o que já tinha sido tratado, o que se estava a tratar com a equipa.

Os jovens foram ouvindo e fazendo comentários. Quando se abordou o assunto “variedade nas ceias”, um ponto criticado na assembleia anterior, sugerimos que fosse criado um menu de ceias de uma semana pelos jovens, os mesmos sugeriram no momento e ficou registado.

Em seguida apresentámos uma nova ideia, o Quadro do Desporto. O quadro do desporto tem como principal objetivo incentivar à prática desportiva dos jovens. O quadro contempla os nomes de todos os jovens e as atividades desportivas que cada um frequenta e cada vez que o jovem vai à atividade aponta no quadro com um piónés e cada registo equivale a um ponto. No fim faz-se o somatório de pontos e serão recompensados. As recompensas podem ir desde bilhetes para assistir a jogos de futebol, passeios e até

mesmo materiais eletrônicos que são oferecidos à casa. Perguntámos a opinião dos jovens relativamente ao quadro do desporto e os mesmos mostraram-se bastante entusiasmados, querendo inscrever-se em mais modalidades. Conversamos com os jovens a fim dos mesmos perceberem que não se deviam preocupar em frequentar muitas modalidades, mas sim em dedicar-se às que frequentam e saberem organizar os seus tempos livres e gerir os seus compromissos.

Assembleia 21 de Fevereiro (Anexo III)

Esta assembleia contou com 18 participantes, contando comigo e com o técnico responsável pelo projeto. Tendo em conta o que os jovens apontaram como de negativo nas ultimas assembleias e visto não ser só referente aos quartos, decidimos criar um documento organizado para sobre essas “queixas” de forma a ser mais fácil a equipa analisar e resolvermos todas estas questões.

Estivemos a discutir a ideia de se poder utilizar mais tempo os telemóveis na casa. Ficou então decidido, em maioria, propor-se à equipa que faça uma lista dos jovens que têm melhor comportamento e que merecem utilizá-los.

Em seguida relativamente à cozinha pediram se era possível irem aprender a cozinhar algumas vezes durante a semana. E fizeram as sugestões de ementas.

Relativamente às mesadas foi proposto não se cortar as mesadas aos alunos que não faltam e têm bom comportamento na escola.

Quanto aos quartos foi dito que se fazia muito barulho e que não querem que os mudem de quarto ou as coisas deles sem pedir autorização aos próprios, para além disso, também não querem que os seus objetos pessoais que estão fora de sitio sejam mexidos. Afirmam que os quartos não costumam estar limpos.

Falou-se dos Quadros que receberam como presentes de Natal, os jovens pediram se os podiam vender.

Assembleia 14 de Março (Anexo IV)

Para esta Assembleia tínhamos planeado uma i. Dinâmica inicial- Jogo da Pasta de Dentes, ii. Apresentação do “ponto da situação”, relativamente ao que foi falado na assembleia anterior e iii. Apresentar uns vídeos que achamos pertinentes sobre o Bullying. Na sessão estiveram 25 participantes, incluindo eu, o técnico responsável pelo projeto mais uma vez a diretora.

A sessão iniciou-se com a atividade “Jogo da pasta de dentes”. Esta atividade consistia em dividir os jovens em grupos de quatro pela ordem que foram chegando à assembleia e cada grupo tinha de escolher uma das folhas que se encontrava no chão, sendo que cada folha tinha escrito um sentimento como: Raiva, dor, tristeza, injustiça, solidão.

Após as escolhas dos sentimentos pedimos a dois elementos de cada equipa para escreverem com pasta de dentes esses sentimentos numa cartolina e em seguida os restantes dois membros teriam de tentar limpar essas mesmas palavras da cartolina voltando a colocar a pasta dentro do tubo em 1 minuto.

Quando se pediu aos jovens para colocar a pasta dentro do tubo houve comentários como: “Isto não vai dar”; “Só tens um minuto, despacha-te!”, “Vou tentar meter a pasta no tubo”.

O objetivo era perceber se os jovens se identificam com estes sentimentos e mostrar-lhes que muitas vezes é complicado “apagar” este tipo de sentimentos que nos marcam. Quando perguntámos quem se identificava com estes sentimentos os jovens foram levantando os dedos e percebemos que o sentimento mais comum a todos era a raiva e o menos comum era a solidão. Falou-se que é importante os jovens reconhecerem e aprenderem a lidar com este tipo de sentimentos e que a equipa da casa está disposta a apoiá-los.

Depois desta atividade apresentámos aos jovens as decisões que a equipa tomou em relação as várias sugestões feitas na assembleia anterior (refeições, cozinha, mesadas, quartos, quadros e telemóveis).

Como já passava da hora em que termina a assembleia, não foi possível visualizarmos os vídeos que constavam na planificação.

Assembleia 5 Abril (Anexo V)

Para a elaboração desta assembleia foi necessário preparar o ginásio: preparar projetor, filme, colchões, lanches e preparar a disposição das mesas na biblioteca como se fosse acontecer uma assembleia e levar os jovens para lá.

Esta assembleia ocorreu durante o período de férias dos jovens e calculámos que alguns jovens não quisessem comparecer por este mesmo motivo. Como tal quisemos surpreendê-los. Quando os jovens estivessem na biblioteca a pensarem que ia ser uma assembleia apresentávamos uma dinâmica totalmente, vendo assim quem estava interessado e mostrando que estas sessões podem ser muito diversificadas.

A sessão contou com 16 participantes, contando comigo, com o técnico responsável pelo projeto e com a outra estagiária. Como estávamos em período de férias havia muitos jovens que estavam também fora da instituição.

Fomos para a biblioteca e preparámos a disposição das mesas como habitual.

Os jovens pensavam que iria ser uma assembleia e começaram a chegar à biblioteca sentando-se nos lugares que para eles preparámos. Fomos ainda chamar os jovens que estavam na sala para poderem participar.

Quando contámos aos jovens que iríamos fazer algo diferente ficaram todos entusiasmados e fomos para o ginásio.

Ao ver todos a dirigir-se para o ginásio, apareceram mais alguns jovens.

Deixámos esses jovens entrarem para que pudessem aproveitar esta atividade e para perceberem, tal como os outros jovens, que as assembleias não têm de ser sempre dentro do mesmo estilo, falar sobre o mesmo tipo de temas, podendo variar e surpreender se houver condições para tal.

Os jovens estiveram bastante atentos ao filme e correu tudo bem.

No final, houve espaço para uma reflexão, falámos que é importante não desistir das coisas que nos comprometemos pois nunca sabemos se essas mesmas coisas nos podem vir a surpreender de alguma forma. Foi no fundo uma atividade que nós sabíamos que eles iam gostar, servindo assim de “bónus” para quem está sempre presente nas assembleias. Já para quem não quis ir, perdeu esta dinâmica diferente.

Assembleia 16 Maio (Anexo VI)

Nesta sessão estiveram presentes 17 participantes, eu e o técnico.

Começámos por apresentar uma dinâmica, chamada “Jogo do Frasco”, esta experiência consistia em utilizar vários materiais como: letras de plástico, pedras, areia e água para encher um frasco.

Os materiais estão associados a aspetos específicos e pessoais dos jovens, como por exemplo, as letras à família ou namorados, as pedras à escola, trabalho, a areia a problemas ou coisas com menos importância e a água diversão. Cada material colocado deu a sensação que o frasco já se encontrava totalmente cheio.

Esta atividade tinha a intenção de fazer com que os jovens refletissem a maneira como doseiam e gerem cada material dentro do frasco que representa a vida de cada um. Caso encham apenas com areia, associada à diversão, não irá sobrar espaço para as letras, neste caso para a família.

Os jovens estiveram bastante interessados e curiosos nesta experiência.

Para percebermos de que forma os jovens organizam os seus frascos (as suas vidas) pedimos que respondessem a umas perguntas onde ficaríamos a saber de que maneiras os jovens doseiam os “seus” frascos.

Em seguida apresentámos o Mapa das saídas, criado pela equipa, para quem não estava de acordo com as decisões das saídas pedimos que escrevessem o porquê e a sugestão de alteração e que nos entregassem nos seguintes dias.

Depois deste tema guardámos algum tempo para que se pudesse falar de outros assuntos.

Reflexão crítica sobre o Projeto – Assembleias de Jovens

Terminada a minha participação neste projeto, importa refletir sobre o todo o seu desenvolvimento.

Quando me propuseram participar no projeto das assembleias de jovens fiquei bastante entusiasmada, pois este projeto já existia na instituição e informaram-me de que tratava temas com os jovens que me interessavam e que gostava de explorar melhor, como: a participação; as dinâmicas de grupo; a educação cívica; a gestão de conflitos; a gestão das emoções e da ética, tomando estes dois últimos conceitos uma dimensão enorme, quer durante estas assembleias, quer durante todo o período de estágio; entre outros aspetos. Para além de ter interesse pelas temáticas como já referi, considero que tratar estes temas com os jovens é essencial, principalmente quando falamos em jovens institucionalizados, pois compete à equipa da instituição a formação destes jovens.

Embora o projeto das assembleias de jovens me suscitasse interesse, houveram alguns aspetos, que me deixaram reticente relativamente à eficácia deste projeto.

Primeiramente, não existir nenhum documento que orientasse este projeto, este era um projeto que tinha um grande potencial dentro da instituição e que poderia estar documentado, para que ficasse definido com maior clareza as suas características, os seus objetivos, como se tem desenvolvido até à data, possibilitando também outros técnicos da instituição ou mesmo futuros técnicos/estagiários dar continuidade ao mesmo.

Outro aspeto prendia-se pelo facto de não ver nenhuma análise de evolução do projeto por parte da equipa, sendo um projeto que decorre desde 2012 no CAT, ainda que tenha estado parado durante algum tempo. Querendo isto dizer, a meu ver, que talvez a equipa não estivesse assim tão interessada em obter resultados com este projeto ou que não acreditasse no mesmo. Pensei em alguns momentos que seria para eles mais uma preocupação. Por outro lado percebia que o técnico responsável pelo projeto sentia alguma angústia face à atitude de alguns colegas em relação ao projeto, mas nunca se desmotivando de investir no mesmo.

Quando comecei a participar nas assembleias percebi que a minha participação poderia vir dar uma ajuda neste sentido, de trazer alguma firmeza para o projeto, começando desde logo a criar um documento em conjunto com o técnico responsável

pelo projeto que apresentasse e fundamentasse o mesmo. No decorrer do projeto fui fazendo também algumas propostas do que poderiam ser assuntos e dinâmicas inovadoras a desenvolver nas assembleias, algumas ideias foram bem recebidas, outras não. Senti que havia abertura para expor as minhas ideias, mas muitas vezes o técnico já tinha ideias programadas, não dando possibilidade para se alterar a planificação. Ainda assim tive alguma autonomia dentro do projeto e sentia-me confortável para intervir durante as sessões, considerando apenas que poderia de ter tido um maior impacto na escolha dos temas a serem tratados.

Quanto aos jovens senti que tinham bastante interesse em estar presentes nas assembleias. Relativamente às oscilações de presenças, embora não muito marcadas, tentei sempre perceber o porquê no início ou final de cada sessão, e constatei que se prendiam essencialmente com o facto de os jovens estarem em apoios ao estudo, a estudar para testes, a fazer os trabalhos de casa ou por algum outro motivo circunstancial, e não porque não tinham motivação para estarem presentes.

Percebi também no decorrer das assembleias que os jovens aproveitavam estas assembleias para partilhar o que consideravam estar mal na instituição, quer fosse em relação às regras, à relação que tinham com a equipa ou outros funcionários, à relação que tinham entre eles, etc, e tentei em conjunto com o técnico responsável pelo projeto, demonstrar-lhes ao longo das sessões que todas essas partilhas eram importantes e que não se poderiam tratar apenas de partilhas, incentivando de várias formas, os jovens a terem atitude face aos seus problemas e procurando com eles estratégias e formas de resolução.

Os jovens começaram a alterar a atitude relativamente à maneira como resolviam os seus problemas passando de fazer “queixas” a qualquer momento durante as assembleias e começando a elaborar resoluções e propostas. Notei que a noção de pertença relativamente à casa e aos seus assuntos tinha aumentado na maioria dos jovens. Sendo a meu ver um dos ganhos mais visíveis que trouxe este projeto.

Quanto às restantes dinâmicas desenvolvidas, os jovens envolviam-se, ainda que quando havia momentos de comentar, refletir e partilhar haviam sempre quatro ou cinco jovens que gostavam de falar e outros que eram mais retraídos e que se mantiveram pouco comunicativos, principalmente rapazes. Tentei estimular os jovens menos participativos a participarem, mas fui percebendo que eram jovens muito envergonhados e que talvez

por serem adolescentes, quando se trata de assuntos mais sentimentais não gostam de mostrar as suas opiniões.

De modo geral penso que o projeto ainda tem aspectos e fragilidades a serem melhoradas, mas que tem tudo para ser um dos projetos base da instituição, tem jovens interessados, tem técnicos e estagiários que o podem desenvolver, tem instalações e outros recursos com grande qualidade. Penso que a minha intervenção trouxe alguma consistência para este projeto que estava um pouco “apagado” na instituição e que se toda a equipa acreditar no seu potencial e investir nele, haverão com certeza bons resultados.

3. Participação noutros Projetos

A informação apresentada nesta secção foi retirada de documentos internos da instituição, elaborados pela equipa técnica e direção da instituição promotora, alguns pormenores foram também fruto das minhas observações durante o processo de estágio.

Projeto Biblioteca do CAT

A Biblioteca do CAT foi um espaço recuperado no âmbito da responsabilidade social, que servia como anexo à casa. Depois de terem sido feitas algumas obras, decidiu-se criar uma biblioteca com livros e jogos que foram dados ao longo dos anos em campanhas de solidariedade ou por voluntários. Este espaço destina-se as crianças e jovens da casa, onde podem ir buscar livros, jogos e onde podem permanecer. Diversas atividades da casa também podem ser feitas naquele espaço, como por exemplo o projeto das Assembleias dos Jovens.

Este projeto ainda bastante recente, surgiu também com uma vertente de aproximação da comunidade daquela zona com os jovens da casa. Embora este ultimo objetivo não tenha sido concretizado durante o meu período de estágio. Neste sentido, a minha intervenção passou pela organização e catalogação dos livros para que depois de organizada se torne uma biblioteca disponível à comunidade, envolvendo os jovens na organização da mesma, no processo de requisição dos livros, etc.

Projeto Responsabilidade Social

Devido a ações de mecenato e de responsabilidade social o espaço físico do CAT tem vindo a ser progressivamente melhorado através de várias empresas que o vão tornando mais acolhedor e confortável. São também realizadas ações que promovem atividades diversas junto das crianças.

Quanto ao projeto de *Responsabilidade Social*, inicialmente foi-me apresentado pela orientadora da instituição, mais tarde, reuni com um dos principais representantes da responsabilidade social da casa, que me propôs a mim e à minha colega estagiária começar a delinear juntamente com o mesmo o que poderíamos fazer para o Natal no

âmbito da responsabilidade social. Começámos a reunir semanalmente com os seguintes objetivos:

- Fazer um apanhado do que os jovens gostariam de receber no Natal, falando individualmente com os jovens, criando uma grelha com as informações, relativamente às idades, tipo de presentes, etc;
- Criar um e-mail para iniciar os contactos;
- Procurar as empresas que poderiam ser as mais indicadas, de acordo com os pedidos dos jovens
- Reunir com estas empresas

Depois de várias semanas a investir nestes objetivos, conseguimos a colaboração de várias empresas, como lojas, escolas de condução, etc... e conseguimos que a fundação do Sport Lisboa e Benfica e a fundação do Sporting Clube de Portugal ficassem nossos parceiros não só para esta época mas permanentemente, sendo algo muito importante para o CAT.

Projeto Famílias Amigas

O projeto *Famílias Amigas* pretende proporcionar aos menores, sem suporte familiar ou com suporte insuficiente, o contato com uma família com a qual se tentam criar laços afetivos duradouros, que contribuam para a estabilidade emocional e desenvolvimento harmonioso das crianças/jovens.

As *Famílias amigas* são famílias e/ou pessoas idóneas que se disponibilizam a partilhar a sua casa e a sua família, abrindo o seu coração a crianças e jovens que se encontram institucionalizados e fragilizados, necessitando de um suporte afetivo, acolhendo-as voluntariamente de forma contínua aos fins-de-semana, férias e feriados.

Crítérios de integração para famílias candidatas:

- Capacidade intelectual e afetiva
- Situação profissional e económica estável
- Boas condições de saúde ao nível do agregado familiar e higiene ao nível habitacional

- Perfil psicológico ajustado
- Disponibilidade para participar em eventuais formações e esclarecimentos considerados necessários.

Este projeto não é uma medida de substituição da família, nem tem por objetivo uma futura adoção.

O projeto *Famílias Amigas* foi-me apresentado pela minha orientadora da instituição no início do estágio. Conheci algumas das famílias amigas do CAT e o meu trabalho relativamente a este projeto foi apenas a organização de um evento onde o CAT preparou atividades para as famílias. Ficou à minha responsabilidade pensar em algumas atividades interessantes para este dia e decidir um espaço para o acontecimento. Depois de apresentar algumas sugestões à orientadora, decidiu-se elaborar uma caça ao tesouro para as famílias nos jardins de um hotel que já era do conhecimento do CAT. Reuni as disponibilidades dos participantes e estive em contacto com o hotel para marcar o dia e explicar o que se pretendia fazer. Quanto à elaboração do jogo ficou a cargo da outra estagiária.

Projeto Voluntariado

Este projeto é um dos principais projetos do CAT, sendo uma mais-valia e um valioso contributo da sociedade civil, para o sucesso da intervenção. Este projeto baseia-se na angariação de pessoas voluntárias que se disponibilizem quer na vertente de apoio individualizado ao estudo, quer no enquadramento de diversas atividades lúdicas, desportivas e culturais da instituição.

Neste momento existem 40 apoios ao estudo feitos por voluntários; vários jovens a frequentar desportos como Rugby, futebol, dança, natação, atletismo, colocados nos clubes pelos voluntários que, na maioria, são os professores destas modalidades e que se encarregam de os ir buscar e trazer à instituição; uma jovem a ter aulas de piano; uma equipa de voluntários – Equipa d` Africa, que organizam atividades lúdico-práticas com as crianças e jovens.

A minha intervenção neste projeto passou pela criação de cartões individuais para os voluntários com os seus dados; atualização da grelha de voluntários para o dossiê do voluntariado do CAT; organizar o dia do Voluntário. Para esta última tarefa já existiam

algumas ideias do que se poderia fazer. Fiquei então responsável por reunir, em conjunto com um dos técnicos, com os coordenadores do projeto “Wave by Wave”, a fim de nos poderem ajudar a criar o dia do voluntário.

Projeto Apartamento Pré- Autonomia

O presente projeto designa-se por Projeto “Autonomia Segura”, nomeadamente um Apartamento de Pré-Autonomia, sendo um novo projeto do CAT. Este apartamento situa-se no mesmo terreno da casa, mas noutra edificação e destina-se a apoiar a transição dos jovens para a vida adulta.

A implementação do Apartamento de Pré-Autonomia foi uma proposta que surgiu em 2013, apresentada para um Concurso de Financiamento para a Fundação Calouste Gulbenkian que não foi selecionado. Em 2016, a C&A financiou parte deste projeto e foi-nos sugerido, às estagiárias, fazer a fundamentação e a criação de linhas orientadoras que vão estruturar todo o projeto, a fim de colocar o projeto em funcionamento.

A criação de um apartamento de pré-autonomia visa facilitar a transição para uma vida social autónoma. Aqui serão proporcionadas aos jovens todas as condições para que desenvolvam competências para a sua autonomia de vida, beneficiando do apoio de uma equipa técnica que efetua o estudo e o diagnóstico das situações, selecionando os jovens que se encontram numa fase mais avançada do seu processo de autonomia, para beneficiarem desta estrutura de apoio. Pretende-se dotar estes jovens de todos os instrumentos que lhes permitam viver autonomamente, gerir um orçamento, gerir uma casa, cumprir todas as tarefas específicas do seu funcionamento, já que viveram grande parte da sua vida em contexto de Acolhimento. Esta será uma forma positiva e desafiadora para os jovens treinarem competências essenciais para a sua adaptação e inserção na sociedade. O principal objetivo é responder às necessidades de promoção de autonomia dos jovens que o integram, de forma estruturada, fomentando estratégias de intervenção e capacitação que estimulem a emancipação e maturidade e lhes possibilitem uma saída sustentada da instituição.

Neste momento existem 19 situações de jovens com idades compreendidas entre os 15 e os 21 anos, cujos projetos de vida são, claramente a autonomia, quando não têm

qualquer possibilidade de regresso à família biológica ou, a integração na família nuclear ou alargada.

Preve-se que este projeto abranja, ao longo dos 3 anos, 12 jovens, que beneficiarão de um tempo de permanência no apartamento que se situará entre os 6 e os 8 meses. Sendo o ideal 3 jovens por cada 6 a 8 meses, e não mais que 3 jovens.

Também, os requisitos de inserção dos jovens foram delineados, passando por: Estar definida a autonomia como projeto de vida; Ter idade igual ou superior a 16 anos; Frequentar o ensino regular ou profissional; Não existirem problemas graves de comportamento e não terem problemas graves de saúde física ou mental que requeiram cuidados específicos.

Projeto Desporto do CAT

Este é um projeto que já tem uma longa duração do CAT, este projeto consiste na organização das atividades desportivas para as crianças e jovens da Instituição. Neste sentido foram inseridos professores de várias modalidades desportivas semanalmente e os jovens têm a opção de escolher as modalidades existentes na casa que querem participar semanalmente. As atividades decorrem no espaço exterior da casa ou no ginásio existente.

A infância e a juventude são consideradas as etapas fundamentais na aquisição de hábitos regulares da prática de exercício físico que se manterão posteriormente. Nos nossos dias não é nada fácil estimular as crianças e jovens para a prática de exercício físico uma vez que este é substituído por tecnologias tais como computadores, televisões, PlayStations entre outros.

A função dos educadores deve passar por colocar um “stop” em frente de tudo isto e dar a conhecer a realidade do exercício físico às crianças e jovens levando-os á prática de exercício aproveitando ainda para descontraírem, respirar ar puro e divertirem-se. A minha envolvência neste projeto passou pela criação das linhas orientadoras do mesmo, para ficarem como documento orientador da casa, visto não existir ainda nenhum documento que fundamentasse este projeto.

Foram criadas regras das atividades desportivas do CAT, sendo elas:

- Quando um jovem pretende começar uma modalidade existente, a sinalização deve ser feita pelo encarregado/monitor/entidade desportiva
- A aprovação é feita e tem em consideração as capacidades e competências do jovem
- Devem ser evitadas situações de stress e frustração para o jovem
- Todos os jovens têm um período experimental de 1 mês, ou data a decidir pela parte responsável. Findo essa fase experimental, os jovens devem ficar vinculados à modalidade desportiva durante o período mínimo de 1 ano letivo ou a definir em situações excecionais.
- Garantir que os jovens são acompanhados às modalidades
- Deve ser certificada a frequência dos jovens às modalidades e relatar qualquer ocorrência ou ato digno de registo

Foi criado um quadro do desporto tem como principal objetivo incentivar à prática desportiva das nossas crianças e jovens. O quadro contempla os nomes de todos os jovens e as atividades desportivas que cada um frequenta. Cada vez que o jovem vai à atividade aponta no quadro com um piónés e cada registo equivale a um ponto. Caso algum dos jovens falte a uma atividade receberá uma folha para preencher com a devida justificação para a falta. Quando a grelha chegar ao final, são contados todos os pontos que o jovem tem e os jovens que mais pontos tiverem, ou seja, que forem mais cumpridores, serão recompensados. Esta é uma forma de valorizar o esforço e dedicação de cada um. As recompensas serão proporcionar-lhes coisas que os jovens gostem, como assistir a jogos de futebol nos estádios, passeios, visitas.

4. Participação no quotidiano e outras Atividades

Apoio ao estudo

O apoio ao estudo constituiu-se uma das minhas principais atividades de intervenção iniciais no CAT. O apoio ao estudo é normalmente levado a cabo pelos voluntários da instituição, que, se deslocam semanalmente ao CAT a fim de auxiliar as crianças e jovens nos seus trabalhos de casa, preparação para testes, esclarecimento de dúvidas, etc. Esta foi a minha primeira atividade no CAT, sendo que foi muito importante para me aproximar e começar a conhecer as crianças e jovens.

Apoio às refeições

Este apoio consiste no acompanhamento de adultos durante ou almoços, lanches e jantares, a fim de fazer companhia aos jovens e ir também controlando se estão a comer adequadamente. Fui durante o estágio acompanhando sempre os almoços e jantares de acordo com o meu horário.

Processos de admissão

Estes processos de admissão são documentos elaborados pelos técnicos destinados a reunir todas as informações essenciais relativamente à criança ou jovem que vai ser admitida/o na instituição. Depois de alguns meses no CAT, um dos técnicos, com quem passei a maior parte do tempo, explicou-me como se preenchia estes documentos e como iam ser admitidos jovens pelos quais ele ia ser responsável, deu-me a mim essa tarefa. Foi uma tarefa que requereu muita responsabilidade da minha parte.

Reuniões de Admissões

Mais tarde, tive também a oportunidade de estar presente numa reunião de admissão. Estas reuniões acontecem normalmente na instituição para onde a criança ou jovem vai, e normalmente estão presentes o técnico e monitor educativo que vão ser responsáveis pela criança ou jovem, o técnico até ao momento responsável pela criança

ou jovem e a criança ou jovem em questão. Nestas reuniões são apresentadas as informações da criança ou jovem de forma detalhada e a sua história de vida, os técnicos e monitores também se apresentam ao jovem de forma calma e o mais adequada possível, também é feita uma apresentação da casa ao jovem. Quando assisti pela primeira vez a uma reunião de admissão, foi-me pedido para ficar responsável por apresentar a instituição ao jovem.

Processos CASA

Os processos CASA, são processos de caracterização anual da situação de acolhimento da criança ou jovem, tem de ser feito todos os anos e individualmente para cada criança ou jovem. Neste documento insere-se as informações básicas do jovem e anota-se o que já aconteceu com o jovem até à entrada na instituição e o que está em vista para o seu futuro. Assim como aconteceu com o preenchimento dos processos de admissão, também estes processos me foram explicados pelo técnico. O técnico deu-me a abertura para poder consultar os processos de alguns jovens pelo qual ele era responsável a fim de poder preencher os processos CASA.

Marcação e consultas

No CAT existem dossiês onde os técnicos vão atualizando as informações relativamente à saúde dos jovens, os dossiês estão organizados por especialidade e com anotações do dia em que o jovem foi à consulta, o que se falou na consulta, o dia que se prevê uma nova consulta, o nome do médico que os segue e os seus contactos. Foi-me pedido algumas vezes, pela minha orientadora da CAT, que analisasse estes dossiês e que anotasse os jovens que tinham data de consulta proximamente, depois deste levantamento, fiquei também responsável por entrar em contacto com as clínicas a fim de confirmar as datas para as consultas.

Acompanhamento a Consultas

Durante o estágio tive também a oportunidade de acompanhar as crianças e jovens a consultas médicas. Fui sempre acompanhada por um monitor. É importante que haja sempre duas pessoas responsáveis em acompanhar, quando vai mais que um jovem a uma

consulta, de forma a que um adulto entre na consulta e que outro permaneça com os restantes na sala de espera.

Acompanhamento às atividades Desportivas

O acompanhamento a atividades desportivas foi também uma tarefa que me foi dada algumas vezes no decorrer do estágio. Nos dias em que os jovens têm actividades desportivas fora da instituição é importante que todos sejam acompanhados quando não têm idade para poder ir sozinhos. Fui várias vezes acompanhar os jovens às suas atividades desportivas, sendo que ficava responsável por ajudá-los a equiparem-se, ir na carrinha com eles e com motorista e assistir ao decorrer da atividade, no final esperar que o motorista nos levasse novamente para o CAT.

Organização de atividades do Halloween

A festa de Halloween do CAT foi organizada por mim e pela minha colega estagiária. Ficámos responsáveis por elaborar os cartazes que iríamos afixar no CAT a anunciar a festa, ficámos também responsáveis por criar algumas atividades para se realizarem durante a festa e por organizar também a parte da música. Estive a compilar as músicas que iriam tocar durante a festa, consoante as actividades que estávamos a organizar. Depois de preparar as músicas fomos para o ginásio, espaço onde decidimos organizar a festa, para colocar as decorações e tratar do som. Por fim, no início da festa maquilhámos os jovens, que iam aparecendo, todos eles vieram vestidos com roupas alusivas ao tema. Durante a festa estivemos sempre responsáveis pelos jovens.

Organização das festas do Natal

A planificação e organização destas festas requereu bastante envolvimento. Para organizar estas festas tivemos de estar em contacto com o Hotel onde seria a primeira festa, sendo um hotel que já prepara a gala de Natal para a instituição há vários anos. O hotel e os seus parceiros ofereceu vários presentes aos jovens que tivemos de transportar para o CAT depois da gala.

Foi necessário reunir também uma lista posterior dos presentes que foram pedidos pelos jovens, depois de reunir estas informações, foi necessário, no âmbito do projeto de responsabilidade social, pedir o envolvimento de várias empresas que nos pudessem doar esses presentes, em seguida foi preciso reunir esses bens e organizar em sacos juntamente com os presentes que tinham sido oferecidos na gala do hotel para serem oferecidos às crianças no dia 23 de Dezembro, dia da festa de natal do CAT.

Organização da festa do Final de ano

Esta festa foi organizada por mim e pela minha colega de estágio em conjunto com o técnico responsável pelo projeto de desporto e pelos professores de desporto voluntários do CAT. Esta festa de final de ano letivo teve como principal objetivo demonstrar aos funcionários do CAT, famílias amigas, voluntários e a quem se quisesse juntar, um pouco do que durante o ano os jovens andaram a desenvolver nas suas atividades desportivas. Tive a função de criar uma dinâmica para estas apresentações, a fim de ser um espetáculo mais apelativo para o público. Resolvi criar um cenário de uma viagem de comboio, onde cada estação onde o comboio passava era alusiva a uma atividade desportiva. A festa correu muito bem.

Considerações Finais

Terminado este relatório torna-se agora necessário refletir sobre todo o processo de estágio.

Após ter concluído a licenciatura em Ciências da Educação, decidi ingressar no Mestrado de Desenvolvimento Social e Cultural, esta área de mestrado tem como objetivos a preparação dos profissionais para a intervenção educativa, com uma particular ênfase na educação não-formal, envolvendo os mais diversos públicos – crianças, jovens, adultos e idosos. Tem por âmbito a intervenção em contextos múltiplos, não apenas de natureza educativa, mas também de natureza cultural, social, económica, assistencial, ambiental, de justiça e de saúde. O meu gosto e interesse por estas temáticas levou-me a optar por este mestrado.

Tendo como opção de realizar no segundo ano do mestrado, uma dissertação, um estágio ou um projeto, decidi optar pelo modelo de estágio, pois vi-o como uma oportunidade de aplicar os conhecimentos teóricos da licenciatura e do mestrado ao mesmo tempo que experienciava o mundo profissional.

Decidi escolher uma instituição de acolhimento de crianças e jovens, para desenvolver o meu estágio, dada a curiosidade que tinha de conhecer melhor esta problemática das crianças e jovens em risco.

A escolha da instituição foi um dos processos mais importantes no desenvolver deste mestrado, e como tal decidi começar uma pesquisa desde cedo pelas instituições ligadas a esta problemática. Depois do levantamento das várias instituições, pensei em deslocar-me a algumas. Foi desta maneira que cheguei até ao CAT, depois de uma voluntária do CAT me ter falado positivamente sobre esta instituição, decidi pedir-lhe se me podia levar à instituição e explicar o que pretendia. A apresentação da instituição foi-me feita por esta voluntária e, nesta mesma apresentação, tive a oportunidade de falar com a responsável pelos estágios para explicitar a minha visita à instituição. Depois de ter trocado contactos com essa responsável, agendámos para o início do mês de Setembro, uma reunião onde lhe expliquei com maior precisão os objetivos do meu estágio. Poucos dias depois, recebi a notícia de que tinha sido aceite e agendei um novo encontro onde me foram apresentadas as dinâmicas da instituição, os projetos, parte da equipa, onde se estipulou o meu horário de estágio e falámos também sobre a intervenção que deveria ter junto das crianças, uma intervenção cuidada e adequada. A responsável pelos estágios informou-me também que

iria ser a minha orientadora dentro da instituição. No dia 15 de Outubro iniciei o meu estágio. Comecei desde logo a participar nas diversas atividades da instituição, maioritariamente no apoio ao estudo, sendo uma atividade que gerou a minha primeira aproximação aos jovens. Os jovens foram-me perguntando quem era; o que ia fazer ali; se ia ficar muito tempo e eu expliquei-lhes, como já tinham noção do papel das estagiárias no CAT, não estranharam a minha vinda, senti que se interessaram pela minha chegada à instituição, o que me deixou bastante menos receosa e mais à vontade para intervir.

Durante o primeiro mês, minha intervenção passou essencialmente pelo acompanhamento ao estudo dos jovens, acompanhamento às refeições, brincar e conversar. Foi desta maneira que construí as primeiras bases da minha relação com eles, senti que começaram a confiar em mim. Comecei também a gerir alguns dos conflitos que existiam entre eles, da forma que melhor sabia e que considerei mais pedagógica, centrando-me nas bases teóricas que tinha.

Comecei ao longo do tempo a envolver-me nos projetos, desempenhando algumas tarefas em prol dos mesmos. O primeiro projeto em que me envolvi foi o projeto da *Biblioteca do CAT*, este projeto fez com que percebe-se melhor a dinâmica e a organização de uma biblioteca, assim como também fiquei a saber como se trabalha com a plataforma da biblioteca. O meu contributo foi no sentido de proporcionar aos jovens um espaço organizado e útil para utilização dos mesmos. Este espaço foi também bastante útil para o desenvolvimento de algumas atividades que fiz com os jovens, como jogos, visualização de vídeos e até mesmo momentos de conversa e de partilha.

O segundo projeto em que me inseri foi no projeto da *Responsabilidade Social*, este foi um dos projetos em que mais gostei de participar. Inicialmente não tinha qualquer conhecimento do que se fazia neste âmbito. Percebi com o envolvimento no projeto, que este é um dos pilares mais importantes da instituição, pois muito do que é proporcionado às crianças e jovens é-o através da responsabilidade social das empresas, que ajudam contribuindo monetariamente ou com bens ou mesmo disponibilizando serviços. Com este projeto fiquei a conhecer várias empresas e o tipo de contributo das mesmas; melhorei as minhas capacidades de comunicação e de responsabilidade, pois muito do meu trabalho era baseado no contacto telefónico ou troca de e-mails com as empresas; aprendi a organizar e a gerir o meu trabalho utilizando ferramentas informáticas destinadas à gestão de projetos.

Com o projeto *Famílias Amigas*, fiquei a conhecer a sua importância e de que forma é que ele está operacionalizado na instituição, tive também a oportunidade de conhecer algumas destas famílias amigas que tanto fazem a diferença na vida destas crianças e jovens. De acordo com o que me foi pedido para fazer- a criação de um dia de atividades para as famílias amigas- penso que foi uma tarefa importante para o desenvolvimento da minha autonomia e criatividade, também foi importante para o desenvolvimento do sentido de responsabilidade.

Quanto ao projeto de *Voluntariado*, permitiu-me conhecer o voluntariado do ponto de vista das instituições. Já tinha desenvolvido vários voluntariados com outras instituições/organizações, como a AMI ou AJU, mas no papel de voluntária, não tendo conhecimento de como se processava a organização e gestão do voluntariado. Desta forma fiquei a compreender que CAT dá uma grande importância ao trabalho dos voluntários, preocupando-se com cada um individualmente, criando muitas vezes, este tipo de momentos, como o “dia do voluntário”, para retribuir o seu trabalho e tempo dispensado na instituição.

Relativamente ao projeto *Apartamento Pré- Autonomia*, percebi que é um projeto muito importante a ser implementado, pois é essencial desenvolver condições de autonomia nos jovens, tendo em conta que a população institucionalizada é composta por adolescentes que apresentam poucas hipóteses de voltarem à família de origem. O meu contributo passou por criar as condições para esta implementação no CAT, desenvolvendo um documento orientador, que serve de base teórica do projeto e que poderá facilitar a sua futura implementação. Fiquei a conhecer o conceito de apartamento de pré-autonomia, já existente noutras instituições e a entender os contornos que levam à sua planificação e execução.

O projeto *Desporto do CAT*, levou-me a compreender o que é feito ao nível desportivo na instituição, sendo muito importante investir em atividades desportivas para promover a saúde e o bem-estar físico e psicológico das crianças e jovens do CAT. A criação de uma base teórica para este projeto e de métodos de incentivo ao desporto, como o quadro de desporto do CAT, ajudou-me a desenvolver competências de organização e a perceber e elaborar técnicas para aumentar a motivação dos jovens, garantindo o seu comprometimento na prática regular da atividade física.

Por fim, o projeto *Assembleias de Jovens*, foi o projeto em que mais participei. Fazer parte deste projeto fez com que percebe-se a sua importância e dimensão. Este projeto, a meu ver, foca-se em combater uma das principais dificuldades existentes nas instituições, a falta participação e de envolvimento das crianças e jovens na casa. As crianças e jovens que residem nestas instituições, vêm muitas vezes a instituição como algo negativo, onde apenas existem regras, horários, proibições, etc., não sentindo a instituição como algo deles, no fundo, não a sentindo como a sua casa. É necessário que as mesmas percebam que pertencem ali, independentemente do tempo de permanência, é necessário que entendam que têm poder dentro da instituição e que a voz das mesmas deve ser um molde para a instituição. O projeto pretende ouvir os jovens e fazer com que a sua opinião não se perca pelas paredes da casa, chegando à equipa e à direção. Este projeto permitiu-me aumentar a minha autonomia; como também me ajudou a melhorar a minha intervenção; a criar maiores laços com os jovens; a conhece-los melhor individualmente; permitiu-me desenvolver estratégias de gestão de conflitos e de gestão emocional. Foi um projeto no qual tive muito gosto e interesse desde o início até ao fim da minha intervenção.

Fazendo uma apreciação global da instituição, houveram vários aspetos que considerei negativos e vários que considerei positivos.

Quanto aos principais aspetos negativos destaco a relação entre a equipa de técnicos/monitores/direção, senti que existia pouca coesão entre a mesma. Detetei alguns conflitos existentes entre a equipa, que são comuns em qualquer organização/instituição/empresa, mas penso que quando se trata de trabalhar nestes contextos é necessário ter cuidados acrescidos, pois pode ser fácil transparecer para as crianças e jovens estes conflitos. Outro aspeto ainda ligado à equipa foi também a aplicação de regras ou castigos, pois fui-me apercebendo que os a deliberação das regras ou castigos era feita por cada técnico individualmente para cada jovem de que eram responsáveis, ainda que fosse falado também em reunião de equipa, mas muitas vezes, estas regras ou castigos tinham de ser dadas de imediato o que criava assim alguma contestação nos jovens quando comparavam as punições, considerando muitas vezes estas injustas.

Quanto aos principais aspetos positivos considerei que o CAT é uma instituição muito dinâmica, que se preocupa bastante em estar envolvida em projetos que trazem melhorias e mais-valias à instituição; é uma instituição que se está disponível para receber novas ideias, novas pessoas, novas atividades. Outro aspeto positivo é a boa receção aos

estagiários, foi sempre uma instituição que se mostrou disponível e me deixou à vontade para poder intervir e ter também alguma autonomia. As instalações também são a, meu ver, um ponto forte da instituição, estando sempre em constantes renovações e manutenção, para dar aos jovens as melhores condições. Outra característica que considero positiva é a existência de uma equipa multidisciplinar, que engloba técnicos de várias áreas e que podem dar assim um contributo mais alargado ainda que com um objetivo comum – o interesse superior das crianças e jovens.

Relativamente ao balanço global do estágio, é fundamental destacar a importância da minha envolvimento nos projetos e dinâmicas da instituição, que me deram oportunidade de conhecer o funcionamento de uma instituição deste teor, deram-me também a oportunidade de conhecer diferentes conceitos, diferentes práticas, diferentes métodos de trabalho, diferentes pessoas, o que de certa forma me ajudará a ingressar de forma mais segura no mundo do trabalho. Também as bases teóricas advindas da licenciatura e do mestrado me ajudaram na preparação para o estágio e, considero que sustentaram parte da minha prática. Destaco acima de tudo a importância que este estágio teve a nível pessoal, e aqui, sem dúvida, o contacto e a relação que criei e desenvolvi com as crianças e jovens foi o meu maior ganho. Senti que, de alguma maneira, me posso ter tornado significativa para eles, assim como eles se tornaram significativos para mim. Tentei construir uma relação verdadeira, sustentada em carinho, atenção, disponibilidade, tentei dar o melhor de mim. Sinto-me satisfeita com a minha prestação, penso que tentei sempre superar-me e ser melhor a cada dia que permaneci na instituição.

Referências Bibliográficas

A

Abramovay, M., Castro, M. G., Pinheiro, L. C., Lima, F. S. & Martinelli, C. C.(2002). Juventude, Violência e Vulnerabilidade Social na América Latina: Desafios para Políticas Públicas. Brasília: UNESCO. Recuperado a 2 de Agosto de 2017, de <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127138por.pdf>

Assembleia Geral das Nações Unidas (1989). A Convenção sobre os Direitos da Criança. Recuperado a 15 de Janeiro de 2017, de http://www.unicef.pt/docs/pdf_publicacoes/convencao_direitos_crianca2004.pdf

B

Boghossian, C. B., e Minayo, M. C. S. (2009). Revisão Sistemática Sobre Juventude e Participação nos Últimos 10 anos. *Saúde e Sociedade*, 411-423. São Paulo.

C

Caetano, A. P., Freire, I., Vassalo, S., Machado, E. e Bicho, L. (2016). Arts and the Voice of Youth in Dialogue – A Project in Portuguese Schools. *Art and intercultural dialogue*. 247-261. Sense Publishers

Carvalho, M. J. L. (2013). Sistema Nacional de Acolhimento de Crianças e Jovens. Recuperado a 2 de Junho de 2017, de <http://makebraga.pt/wp-content/uploads/2017/03/CARVALHO-MJL-Acolhimento-2013.pdf>

Comissão Nacional de Promoção dos Direitos das Crianças e Jovens (s.d.). Guia de Orientações para os profissionais da Educação na abordagem de situações de maus tratos ou outras situações de perigo. Recuperado a 3 de Junho de 2017, de <http://www.cnpcjr.pt/left.asp?12.08.02>

Cunha, L. S., Raquel, P. S e Alcântara, B. S. (s.d). Um Estudo sobre a importância da dinâmica de grupo no processo de aprendizagem de professores. *Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa*. p. 1-14. Recuperado a 10 de Junho de 2017, de http://nippromove.hospedagemdesites.ws/anais_simposio/arquivos_up/documentos/artigos/354d3134954bf42c0ef29a2ea3776de7.pdf

E

Estrela, M. T. (2010). *Profissão Docente. Dimensões Afectivas e Éticas*. Porto: Areal Editores.

G

Gadotti, M. (2005). *A questão da educação formal/não-formal*. Institut International des Droits de 1º Enfant. Droit à l'éducation: solution à tous les problèmes ou problème sans solution? Suíça. Recuperado a 7 de Julho de 2017, de http://www.vdl.ufc.br/solar/aula_link/lquim/A_a_H/estrutura_pol_gest_educacional/aula_01/imagens/01/Educacao_Formal_Nao_Formal_2005.pdf

Gohn, M.G. (2014). Educação Não Formal, Aprendizagens e Saberes em Processos Participativos. Investigar em Educação. Brasil. Recuperado a 12 de Junho de 2017, de https://ec.europa.eu/epale/sites/epale/files/gohn_2014.pdf

I

Instituto da Segurança Social (2014). Guia Prático - Apoios Sociais - Crianças e Jovens em situação de Perigo. Recuperado a 5 de Junho de 2017, de http://www.seg-social.pt/documents/10152/14961/apoios_sociais_crianças_jovens_situacao_perigo/9cf79f50-51d4-477b-82d8-c340a568fa00

Instituto de Segurança Social (2007). Manual Gestão Qualidade Respostas Sociais – Modelo Avaliação Qualidade . Recuperado a 5 de Junho de 2017, de http://www.seg-social.pt/documents/10152/13489/Lar%20de%20Inf%C3%A2ncia%20e%20Juventude_Modelo%20de%20Avalia%C3%A7%C3%A3o%20da%20Qualidade/53a0217c-713e-4a52-b4cc-0455329efb15

Instituto da Segurança Social (2005). Manual de Boas Práticas - Um guia para o acolhimento residencial das crianças e jovens. Recuperado a 10 de Junho de 2017, de http://www.seg-social.pt/documents/10152/14707/acolhimento_residencial_crianças_jovens/40a9198f-3ce5-44b3-b98a-b1ccdd8bf1c8

J

Jesus, C. S. C. (2012). *Gestão de conflitos na escola*. Relatório de Mestrado, não publicado, Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Beja; Beja.

L

Luis, M. J. M. C. (2009). *A assembleia de turma como dispositivo de mediação de conflitos. Um estudo de caso no 1º ciclo do ensino básico*. Dissertação de Mestrado, não publicado, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa; Lisboa.

P

Pina, C. (2016). *Convergir pela diversidade em Queluz*. Dissertação de Mestrado, não publicada Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, Lisboa.

Pires, S. A. C. (2011). *A Promoção da Autonomia em Jovens Institucionalizadas*. Relatório de Estágio, não publicado, Escola Superior de Educação de Bragança do Instituto Politécnico de Bragança; Bragança.

S

Silva, J. A. P. (2008). O uso das Dinâmicas de Grupo em Sala de Aula. Um Instrumento de Aprendizagem experiencial esquecido ou ainda compreendido?. *Saber Científico*, p.82-99. Recuperado a 3 de Junho de 2017, de <http://revista.saolucas.edu.br/index.php/resc/article/view/22>

V

Veloso, C. J. (2014). *Lares de Infância e Juventude: contributos para a autonomia*. Relatório de Mestrado, não publicado, Escola Superior de Educação de Viseu do Instituto Politécnico de Viseu; Viseu.

Legislação Consultada

Código Civil. Recuperado a 2 de Março de 2017 de <http://www.codigocivil.pt/>

Lei n.º 147/99 (1 de Setembro). Recuperado a 3 de Junho de 2017, de <https://dre.pt/web/guest/legislacao-consolidada/-/lc/34542475/view?q=lei+147%2F99>

Lei n.º 142/15 (8 de Setembro). Recuperado a 4 de Junho de 2017, de <http://www.cnpcjr.pt/left.asp?12.04.04>

Lei n.º 23/2017 (23 de Maio). Recuperado a 4 de Junho de 2017, de <http://www.cnpcjr.pt/left.asp?12.04.04>

Sítios Consultados

Comissão Nacional de Promoção dos Direitos e Proteção das Crianças e Jovens.
Recuperado a 4 de Junho de 2017, de <http://www.cnpcjr.pt>

Anexos

Anexo I

ASSEMBLEIA GERAL | 19 de Janeiro de 2017

Planificação

- Actividade Quebra-gelo- Jogo da Caixa (Trabalhar as diferenças)
- Pedir autorização de apresentar os Quartos
- Falar sobre a alteração de regras, Horários, etc... dos quartos e prepará-los para falar disso numa Assembleia exclusiva
- Informar como se faz requerimentos e abaixo assinados e eleger um representante dos jovens
- Caso Roubos
- Autorizar cadeados quartos
- Assistir ao vídeo <https://www.youtube.com/watch?v=FVCoLquFUZE>
“Aceitarmo-nos como somos”

Abaixo-assinado

Abaixo-assinado é um tipo de **solicitação colectiva** feita em um **documento** para **pedir algo de interesse comum a uma autoridade** ou para **manifestar apoio a alguém** ou demonstrar **queixa** ou **protesto colectivo**.

Difere do requerimento e da petição, que são solicitações individuais.

Abaixo-Assinado

Magnífico Reitor Prof. Dr. Wilmar Sachetlin Marçal
MD, Presidente do Conselho Universitário da UEL

Nós, abaixo-assinados, em conformidade com a deliberação da Assembleia Geral dos Técnico-Administrativos, realizada pela ASSUEL-Sindicato no dia 13/09/2007, vimos pelo presente manifestar o nosso absoluto e incondicional apoio à proposta de **MANUTENÇÃO DO VOTO PARITÁRIO** na forma da proposta apresentada pela ASSUEL a este Egrégio Conselho Universitário. Neste sentido, vimos solicitar de Vossa Magnificência o devido encaminhamento deste abaixo-assinado na pauta do referido Conselho, bem como o seu esforço pessoal, junto àquele Colegiado, em defesa do Voto Paritário.

C/ Cópia para Representantes dos Técnicos-Administrativos e dos Alunos

Nº	Nome	Funcionário/ Professor/Aluno	Assinatura
1			
2			
3			
4			
5			
6			
7			
8			
9			
10			
11			
12			
13			
14			
15			
16			
17			
18			
19			
20			

Após preencher, favor contatar a ASSUEL (3025-5164 ou assuel@uel.br) para providenciarmos o encaminhamento deste

Requerimento

Requerimento é um documento utilizado para **obter um bem, um direito, ou uma declaração de uma autoridade pública**. O requerimento é uma **petição dirigida a uma entidade oficial, organismo ou instituição** através da qual se solicita a **satisfação de uma necessidade ou interesse**.

REQUERIMENTO

Senhor João Borges da Cunha Neto
Secretário da Educação
Prefeitura Municipal de Uibaí – BA

Eu, Geandro Machado Alecrim, brasileiro, solteiro, professor deste município empossado em 02 de abril de 2007, inscrito no CPF sob o nº 986.090.925-34, residente e domiciliado à rua Israel Nascimento, 62 – Centro – Uibaí – BA, sirvo-me do presente para solicitar a Vossa Excelência concessão de licença não remunerada para realização de curso de formação de soldado da PMBA, tendo em vista que decorrido este curso tenho interesse em acumular o cargo de professor deste município com o cargo técnico de soldado PM, como prevê o inciso XVI do artigo 37 da Constituição Federal, que trata da acumulação de cargos públicos.

Limitado ao exposto, fique com meus votos de estima e consideração.

Uibaí-BA, 18 de fevereiro de 2010


GEANDRO MACHADO ALECRIM

Recebido em: 18/02/2010
Sefomachada

ASSEMBLEIA GERAL | 19 de Janeiro de 2017

ACTA

PARTICIPANTES | 24

João, Joana e Directora Leonor e 21 jovens.

ASSEMBLEIA

A Assembleia teve início pelas 21h10, ainda sem contar com alguns dos jovens que se encontravam nas actividades.

Nesta assembleia começámos por fazer uma actividade chamada “O jogo da caixa”, sendo uma actividade característica da educação não formal, onde os jovens trabalham as suas qualidades pessoais. Elaborou-se um cartaz com as características que os jovens iam dizendo sobre eles.

Em seguida e dentro do mesmo contexto visualizámos um vídeo também ele com o intuito de reflectir as características, as diferenças e a aceitação. Foram também partilhados outros exemplos reais sobre o tema.

Iniciámos um novo tema relativamente aos quartos onde inicialmente perguntámos aos jovens se aceitavam ou não que os seus quartos fossem apresentados a visitas:

Nr e nomes dos jovens do quarto ²	Decisão
68 (Sara, Camila, Maria...)	Não
69 (Carlota...)	Não
(Rogério, Francisco)	Sim
(Bianca, Patrícia)	Não
65(Cátia)	Não
(José)	Sim
(Isabel)	Não
64 (Joana)	Sim (se arrumado)
62 (Otília, Madalena)	Sim (se arrumado)
(João, Andre)	Não
(Gracinda)	Não
55 (Marco)	Sim

Ainda relativamente aos quartos foi sugerido aos jovens a colocação de cadeados nos armários e foi assinado por eles um documento onde aceitavam dividir o armário com outra pessoa. Apenas a Jessica M quis dividir com a Inês e Carolina queria um cadeado.

Em seguida falou-se do que seria a próxima assembleia.

² Os nomes dos jovens foram alterados a fim de se manter o anonimato.

Por fim foi explicado o significado de requerimento e de abaixo-assinado, para que os jovens os saibam distingui-los e elaborá-los quando acharem necessário.

A assembleia terminou por volta das 22:15 e foi dada a possibilidade dos jovens permanecerem caso ainda quisessem colocar questões ou partilhar algum assunto.

Foi falado que:

- Não podem sair depois das 20h
- 2as, 4as, 6as e domingos querem cereais novos
- Não querem autocolantes nas carrinhas a dizer o nome da instituição
- Nas refeições importam-se que eles comam chocolate mas não se importam com ser sempre leite com café ou fritos frequentemente
- Falta de privacidade a vestir
- Regras dos telemóveis e piercings a falhar com os novos jovens
- Pedem para por os telemóveis a carregar a noite e trocam os telemóveis
- Ceia sempre igual
- Gelatina fora de validade
- É precisa ajuda na lavandaria
- Não são dados os remédios atempadamente de manhã o que os atrasa para irem para a escola
- Porta do quarto 69 tem um buraco, da para entrar por lá
- Lavandaria devia abrir mais cedo ou estar lá alguém quando é mesmo preciso
- Nas ceias antigamente havia bolo, pão com chourição, bolachas...
- Quando pedem para os ir buscar dizem que não podem mas depois dizem que eles têm de ligar a avisar para ir buscar
- Por vezes os telemóveis não são guardados logo que são entregues no segurança e são roubados
- Uns fazem barulho e não deixam outros dormir
- Tem fome na escola, não levam comida suficiente de casa
- Luís M quer trocar de quarto com o Ricardo
- Diferenças nos castigos

Anexo II

ASSEMBLEIA GERAL | 7 de Fevereiro de 2017

Planificação

- Falar sobre a alteração de regras, Horários, etc... dos quartos e prepará-los para falar disso numa Assembleia exclusiva
- Apresentar ponto da Situação
- Explicar Mapa do desporto

ASSEMBLEIA GERAL | 7 de Fevereiro de 2017

ACTA

PARTICIPANTES | 24

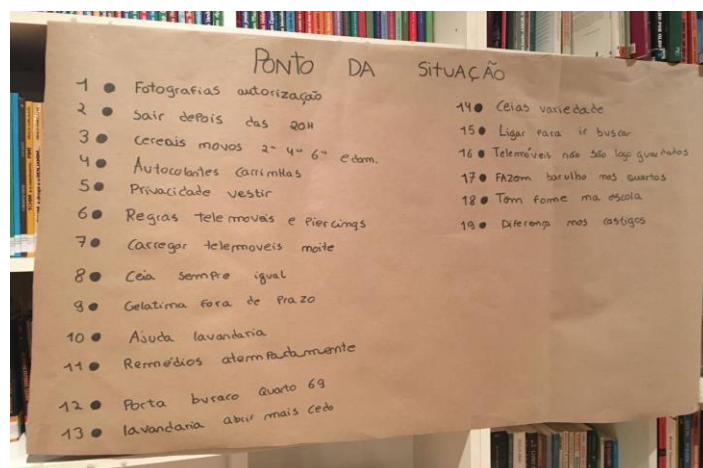
Técnico João e Estagiária Joana e 22 jovens.

ASSEMBLEIA

A Assembleia teve início pelas 21h00, alguns dos jovens não chegaram logo pela hora do início.

Nesta assembleia começámos por falar sobre o debate que se pretende fazer. Explicámos aos jovens que este debate era uma boa oportunidade para reflectirem e darem sugestões para o que consideram que está mal na casa. Sugerimos também que fosse eleito um ou dois representantes para o debate.

Em seguida apresentámos um quadro com os vários pontos que tinham sido abordados pelos jovens na assembleia passada e fizemos um ponto da situação, ou seja, mostrámos o que já tinha sido tratado, o que se estava a tratar, etc.



Quadro Ponto da Situação

Os jovens foram ouvindo e fazendo comentários. Quando se abordou o assunto “variedade nas ceias” foi criado um menu de ceias de uma semana pelos jovens, os mesmos sugeriram que nos dias em que é leite para ceia que devia haver comidas melhores, sendo assim para a segunda-feira- Madalenas; Quarta-Feira- Variedade de Bolachas; Sexta-Feira- Pães-de-leite e Sábado- leite com chocolate e pão com queijo ou fiambre.

Em seguida apresentámos uma nova ideia, o Quadro do Desporto. O quadro do desporto tem como principal objectivo incentivar à prática desportiva dos jovens. O quadro contempla os nomes de todos os jovens e as actividades desportivas que cada um frequenta e cada vez que o jovem vai à actividade aponta no quadro com um pionés e cada registo equivale a um ponto. No fim faz-se o somatório de pontos e serão recompensados.



Quadro do Desporto

A assembleia terminou por volta das 22:40h.

Anexo III

ASSEMBLEIA GERAL | 21 de Fevereiro de 2017

Planificação

- Falar sobre a alteração de regras, horários, desta vez não só sobre os quartos mas na casa em geral. Criação de um documento onde se registe e esclareça as suas sugestões.

ASSEMBLEIA GERAL | 21 de Fevereiro de 2017

ACTA

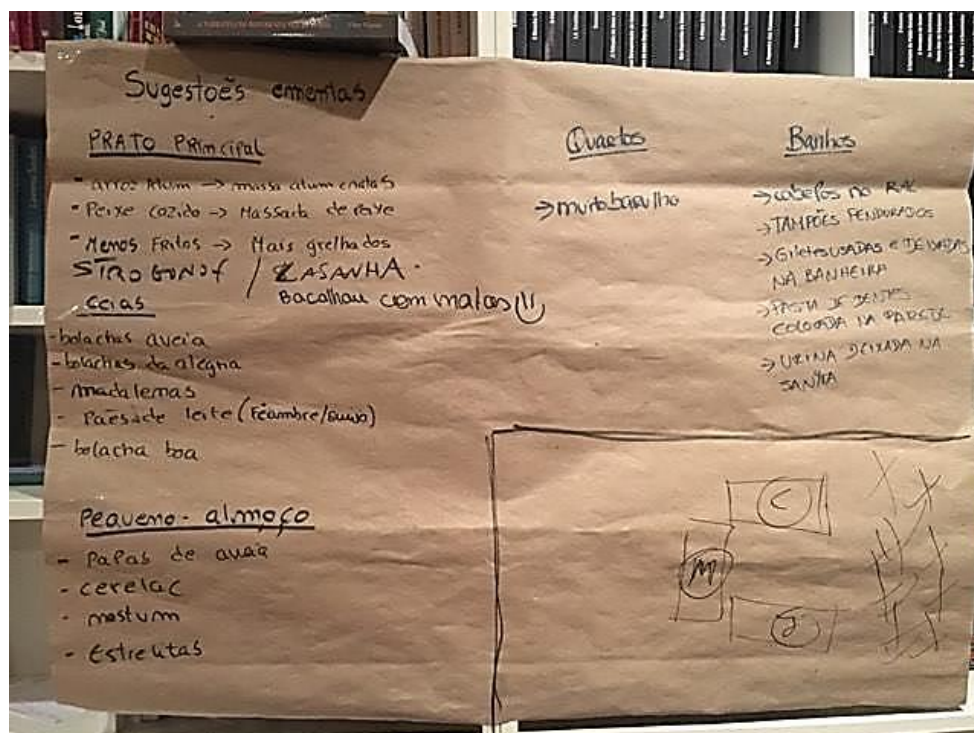
PARTICIPANTES | 18

Técnico João e Estagiária Joana e 16 jovens.

ASSEMBLEIA

A Assembleia teve início pelas 21h00, alguns dos jovens chegaram um pouco depois porque estavam nas actividades.

Os jovens partilharam ideias do que gostariam de alterar na casa, de forma mais organizada.



Estivemos a discutir a ideia de se poder utilizar mais tempo os **telemóveis** na casa. Ficou então decidido em maioria propor-se que se faça uma lista dos jovens que se portam bem e que merecem utilizá-los.

Em seguida relativamente à **cozinha** pediram se era possível irem aprender a cozinhar algumas vezes durante a semana. E fizeram as sugestões presentes na imagem.

Relativamente às **mesadas** foi proposto não se cortar as mesadas aos alunos que não faltam e têm bom comportamento na escola.

Quanto aos **quartos** foi dito que se fazia muito barulho e que não querem que os mudem de quarto ou as coisas deles sem pedir autorização aos próprios, para além disso, também não querem que os seus objectos pessoais que estão fora de sitio sejam deitados para o lixo. Afirmam que os quartos não costumam estar limpos.

Falou-se dos **Quadros** que receberam, os jovens pediram se os podiam vender.

A assembleia terminou por volta das 23 horas.

Anexo IV

ASSEMBLEIA GERAL | 14 de Março de 2017

Planificação

- **Jogo (Pasta de Dentes)**

Sentimentos: dor, tristeza, raiva, injustiça, solidão, injustiça

- **Ponto da Situação:**

Prato principal:

- ✓ Arroz atum - massa atum e natas
- ✓ Menos peixe cozido - massada de peixe
- ✓ Menos fritos - mais grelhados
- ✓ Strogonoff

X Lasanha (Mais difícil, só quando voltar a Dona Teresa)

- ✓ Bacalhau c Natas

Ceias:

- ✓ Bolachas digestivas
- ✓ Madalenas
- ✓ Bolachas diferentes

X Pães-de-leite (quando for possível encomendar)

Pequeno-almoço

X Cerelac, Nestum, Estrelitas (A discutir na próxima reunião com a cozinha)

✓ Telemóveis (apresentar lista, anexo)

Cozinha

X Pediram se era possível irem aprender a cozinhar algumas vezes durante a semana (Não pode, Lei)

Mesadas

X Foi proposto não se cortar as mesadas aos alunos que não faltam e têm bom comportamento na escola. (Alternativas)

Quartos

Barulho e que não querem que os mudem de quarto ou as coisas deles sem pedir autorização aos próprios (Passa a ser falado com os jovens, mas a decisão e da equipa)

Quadros

X Jovens pediram se os podiam vender. (quando forem maiores vão ter com os encarregados para fazer um inventário)

- **Apresentar** **vídeo** **Bullying**

<https://www.youtube.com/watch?v=FYVvE4tr2BI>

- **Vídeos Finais:**

<https://www.youtube.com/watch?v=qhg08DnVTtc>

<https://www.youtube.com/watch?v=F3viz3mJEa4>

ASSEMBLEIA GERAL | 14 de Março de 2017

ACTA

PARTICIPANTES | 25

Técnico João, Directora Leonor Estagiária Joana e 22 jovens.

ASSEMBLEIA

A Assembleia começou por volta das 21h05 com cerca de 6 jovens, os restantes foram chegando e por volta das 21 e 20h já se encontravam todos na biblioteca.

A sessão iniciou-se com uma actividade “**Jogo da pasta de dentes**”. Esta actividade consistia em dividir os jovens em grupos de quatro pela ordem que foram chegando à assembleia e cada grupo tinha de escolher uma das folhas que se encontrava no chão, sendo que cada folha tinha escrito um sentimento como: **Raiva, dor, tristeza, injustiça, solidão**.

Pedimos que escolhessem o sentimento com que mais se identificavam:

O primeiro grupo: Sara, Bia, Carina e António escolheram a palavra **Dor**.

O segundo grupo: Carlos, Leonor, Rui e Cesar escolheram a palavra **injustiça**.

O terceiro grupo: Mariana, João, Ricardo e Andreia escolheram **Raiva**.

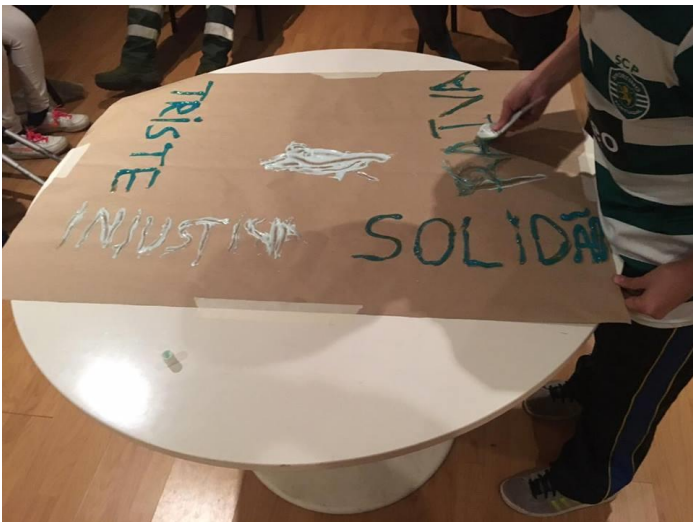
O Quarto grupo: Carolina, Joana, Filipa e Camila³ escolheram **Solidão e Tristeza**.

Após as escolhas dos sentimentos pedimos a dois elementos de cada equipa para escreverem com pasta de dentes esses sentimentos numa cartolina e em seguida os restantes dois membros teriam de tentar limpar essas mesmas palavras da cartolina voltando a colocar a pasta dentro do tubo em 1 minuto.

³ Os nomes dos jovens foram alterados a fim de se manter o anonimato.

Quando se pediu aos jovens para colocar a pasta dentro do tubo houve comentários como: “Isto não vai dar”; “Só tens um minuto, despacha-te!”, “vou tentar meter no tubo”.

O objectivo era perceber o que sentem os jovens e mostrar-lhes que muitas vezes é complicado “apagar” este tipo de sentimentos que nos marcam. Falou-se que é importante os jovens reconhecerem e aprenderem a lidar com este tipo de sentimentos e que a equipa da casa está disposta a apoiá-los.



Depois desta actividade apresentámos aos jovens as decisões que a equipa tomou em relação as várias sugestões feitas na assembleia anterior (refeições, cozinha, mesadas, quartos, quadros e telemóveis):

Prato principal:

- ✓ Arroz atum - massa atum e natas
- ✓ Menos peixe cozido - massada de peixe
- ✓ Menos fritos - mais grelhados
- ✓ Strogonoff
- X Lasanha (Mais difícil, só quando voltar a Dona Teresa)
- ✓ Bacalhau c Natas

Ceias:

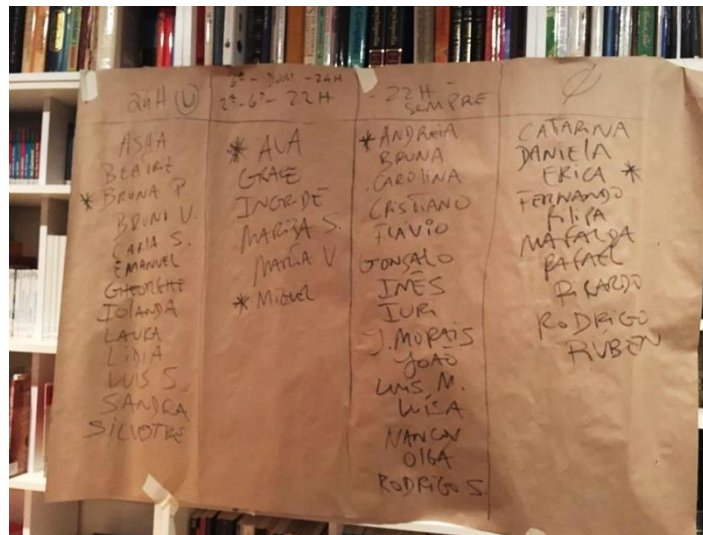
- ✓ Bolachas digestivas
- ✓ Madalenas
- ✓ Bolachas diferentes

X Pães-de-leite (quando for possível encomendar)

Pequeno-almoço

X Cerelac, Nestum, Estrelitas (A discutir na próxima reunião com a cozinha)

- ✓ Telemóveis (apresentar lista,)



Cozinha

X Pediram se era possível irem aprender a cozinhar algumas vezes durante a semana (Não pode, Lei)

Mesadas

X Foi proposto não se cortar as mesadas aos alunos que não faltam e têm bom comportamento na escola. (Alternativas)

Quartos

Barulho e que não querem que os mudem de quarto ou as coisas deles sem pedir autorização aos próprios (Passa a ser falado com os jovens, mas a decisão e da equipa)

Quadros

X Jovens pediram se os podiam vender. (quando forem maiores vão ter com os encarregados para fazer um inventário)

A assembleia terminou por volta das 22 horas.

Anexo V

ASSEMBLEIA GERAL | 5 de Abril de 2017

Planificação

- Preparar o ginásio: preparar projector, filme, colchões, lanches...
- Preparar a disposição das mesas na biblioteca como se fosse acontecer uma assembleia e levar os jovens para lá
- Quando os jovens estiverem na biblioteca a pensarem que vai ser uma assembleia, surpreendemo-los com uma dinâmica diferente, vendo assim quem está interessado e mostrando que estas reuniões podem ser muito diversificadas

ASSEMBLEIA GERAL | 5 de Abril de 2017

ACTA

PARTICIPANTES | 16

Técnico João, Estagiária Joana e Estagiária Patrícia e 13 jovens.

ASSEMBLEIA

A assembleia começou as 15 horas, havendo esta possibilidade de ser mais cedo porque os jovens estavam de férias da Pascoa.

Fomos para a biblioteca e preparámos a disposição das mesas como habitual.

Os jovens pensavam que iria ser uma assembleia e começaram a chegar à biblioteca sentando-se nos lugares que para eles preparámos.

Fomos ainda chamar os jovens que estavam na sala para poderem participar, mas sem qualquer efeito.

Quando contámos aos jovens que iríamos fazer algo diferente ficaram todos entusiasmados e fomos para o ginásio.

Ao ver todos a dirigir-se para o ginásio, apareceu uma jovem que pediu para participar e se podia também chamar os outros.

Deixámos quem apareceu mais tarde entrar para que pudessem aproveitar esta actividade e para perceberem, tal como os outros jovens, que as assembleias não têm de ser sempre dentro do mesmo estilo, podendo variar e surpreender se houver condições para tal.

Os jovens estiveram bastante atentos ao filme e correu tudo bem.

No final falámos que as vezes é importante não desistir das coisas que nos comprometemos pois nunca sabemos se essas mesmas coisas nos podem vir a

surpreender. Foi no fundo uma actividade que nós sabíamos que eles iam gostar, servindo assim de “bónus” para quem está sempre presente nas assembleias. Já para quem não quis ir perdeu esta dinâmica diferente.

Anexo VI

ASSEMBLEIA GERAL | 16 de Maio de 2017

Planificação

- Jogo do Frasco:

Este jogo consiste em utilizar vários materiais como: Bolas, pedras, areia e água para encher um frasco. Os materiais serão associados a aspectos específicos e pessoais dos jovens, como por exemplo, as bolas à família ou namorados, as pedras à escola, trabalho, a areia a problemas ou coisas com menos importância e a água diversão. Cada material colocado dará a sensação que o frasco já se encontra totalmente cheio. Esta actividade tem a intenção de fazer com que os jovens reflectam a maneira como doseiam e gerem cada material dentro do frasco que representa a vida de cada um. Caso encham apenas com areia, associada à diversão, não irá sobrar espaço para as bolas, neste caso para a família.

Serão também distribuídas folhas onde iremos pedir a cada um dos jovens para atribuir a cada objecto um significado: família, amigos, trabalho, diversão, etc, e de que forma os colocavam no frasco.

- Apresentação e discussão da lista que ficou estabelecida em reunião de equipa, sobre as horas de regresso dos jovens à casa em hora escolar e férias.

ASSEMBLEIA GERAL | 16 de Maio de 2017

ACTA

PARTICIPANTES | 19

Técnico João, Estagiária Joana e 17 jovens.

ASSEMBLEIA

A Assembleia teve início pelas 21h00.

Nesta assembleia começámos por apresentar a experiência sobre o frasco, esta experiência consistia em utilizar vários materiais como: letras de plástico, pedras, areia e água para encher um frasco.



Os materiais estão associados a aspectos específicos e pessoais dos jovens, como por exemplo, as letras à família ou namorados, as pedras à escola, trabalho, a areia a problemas ou coisas com menos importância e a água diversão. Cada material colocado deu a sensação que o frasco já se encontrava totalmente cheio.



Esta actividade tinha a intenção de fazer com que os jovens reflectissem a maneira como doseiam e gerem cada material dentro do frasco que representa a vida de cada um. Caso encham apenas com areia, associada à diversão, não irá sobrar espaço para as letras, neste caso para a família.

Os jovens estiveram bastante interessados e curiosos nesta experiencia.

Para percebermos de que forma os jovens organizam os seus frascos (as suas vidas) pedimos que respondessem a umas perguntas (doc A).

Em seguida apresentámos o mapa das saídas, para quem não estava de acordo com as decisões das saídas pedimos que escrevessem o porquê e a sugestão de alteração e que nos entregassem nos seguintes dias.

Depois deste tema guardámos algum tempo para que se possa falar de outros assuntos.

Foi dito que:

- Há bolos a mais
- Jantar passar para as 19h

- Andam jovens a fumar no piso 1 na wc e varanda da wc.
- Alguns andam a fazer barulho até muito tarde (2 da manhã)
- Acham que se devia mexer na mesada por causa das notas, por exemplo, aumentar a mesada quando se aumenta as notas, não diminuir a mesada logo que se desce as notas.
- Há dois namoros na casa.
- Mudam os quartos e não avisam as pessoas antes da mudança.

Pedidos de maior facilidade e /ou específicos:

Nancy quer rádio no quarto.

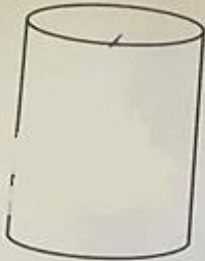
Carolina quer mudar de quarto

Procurar clube para a Carolina

A assembleia terminou pelas 22 e 30h.

Imagina agora o teu "jarro" de água... como organizas o que está lá dentro? O que é realmente importante para ti?

Acima de tudo, todos temos "areias" por limpar... o mais difícil é, por vezes, descobri-las. Tu consegues? Experimenta ...



As tuas Letras gostava de voltar a ter família um pai, mãe etc..

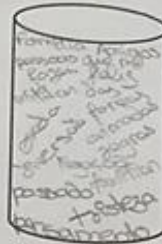
As tuas Pedras o que tenho feito como professora e criança, também

A tua Areia As vezes tenho saudades perdido a minha família

A tua Água Gostava de ser jogador de futebol

Imagina agora o teu "jarro" de água... como organizas o que está lá dentro? O que é realmente importante para ti?

Acima de tudo, todos temos "areias" por limpar... o mais difícil é, por vezes, descobri-las. Tu consegues? Experimenta ...



As tuas Letras gostava de voltar a ter família um pai, mãe etc..

As tuas Pedras gostava de voltar a ter família um pai, mãe etc..

A tua Areia gostava de voltar a ter família um pai, mãe etc..

A tua Água gostava de voltar a ter família um pai, mãe etc..

Imagina agora o teu "jarro" de água... como organizas o que está lá dentro? O que é realmente importante para ti?

Acima de tudo, todos temos "areias" por limpar... o mais difícil é, por vezes, descobri-las. Tu consegues? Experimenta ...



As tuas Letras massafadas

As tuas Pedras na bacia

A tua Areia as coisas mais do ar e mosquitos

A tua Água saia com a mechas e amigos

Imagina agora o teu "jarro" de água... como organizas o que está lá dentro? O que é realmente importante para ti?

Acima de tudo, todos temos "areias" por limpar... o mais difícil é, por vezes, descobri-las. Tu consegues? Experimenta ...



As tuas Letras A pessoa mais importante na minha vida é a família

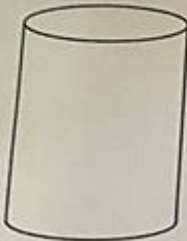
As tuas Pedras Eu quero ser muito feliz de mais / bem sucedido

A tua Areia não as coisas que existem nesta vida

A tua Água Não tenho tempo para nada se trabalhar para o meu futuro

Imagina agora o teu "jarro" de água... como organizas o que está lá dentro? O que é realmente importante para ti?

Acima de tudo, todos temos "areias" por limpar... o mais difícil é, por vezes, descobri-las. Tu consegues? Experimenta ...



As tuas Letras Mãe, Pai, irmãos, Família

As tuas Pedras Como não seria importante estar num clube.

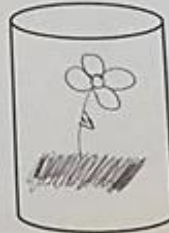
A tua Areia Queria se aqui estar.

A tua Água estar com os amigos, assim.

* Gostava de poder subir ao mesmo horário que a areia, porque ela está a passar um mau bocão e nós ~~gostamos~~ achamos que passamos sei lá a fazer o outro.

Imagina agora o teu "jarro" de água... como organizas o que está lá dentro? O que é realmente importante para ti?

Acima de tudo, todos temos "areias" por limpar... o mais difícil é, por vezes, descobri-las. Tu consegues? Experimenta ...



As tuas Letras Carla, o meu futuro (vestibular, ou fazer a submissão de artigos)

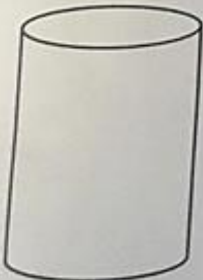
As tuas Pedras O meu casamento e filhos se tiver = os amigos

A tua Areia viduagem a meu espaço e injustiça para consigo

A tua Água Sua mãe, os meus vizinhos e tanta coisa

Imagina agora o teu "jarro" de água... como organizas o que está lá dentro? O que é realmente importante para ti?

Acima de tudo, todos temos "areias" por limpar... o mais difícil é, por vezes, descobri-las. Tu consegues? Experimenta ...



As tuas Letras Carla, o meu futuro (vestibular, ou fazer a submissão de artigos)

As tuas Pedras o meu casamento e filhos se tiver = os amigos

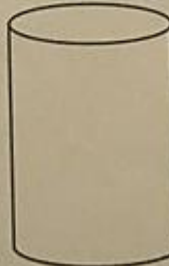
A tua Areia viduagem a meu espaço e injustiça para consigo

A tua Água Sua mãe, os meus vizinhos e tanta coisa

ter um desporto tipo futebol ou karby.

Imagina agora o teu "jarro" de água... como organizas o que está lá dentro? O que é realmente importante para ti?

Acima de tudo, todos temos "areias" por limpar... o mais difícil é, por vezes, descobri-las. Tu consegues? Experimenta ...



As tuas Letras Mãe, Pai, irmãos

As tuas Pedras Algo relacionado com o espaço

A tua Areia Pessoas do Coll

A tua Água Quero dormir e comer

Imagina agora o teu "jarro" de água... como organizas o que está lá dentro? O que é realmente importante para ti?

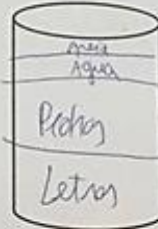
Acima de tudo, todos temos "areias" por limpar... o mais difícil é, por vezes, descobri-las. Tu consegues? Experimenta ...



As tuas Letras A minha mãe e pai
 Letras os meus irmãos
 As tuas Pedras Quero ser um jogador de futebol
 A tua Areia higiênica
 A tua Água quente e fria

Imagina agora o teu "jarro" de água... como organizas o que está lá dentro? O que é realmente importante para ti?

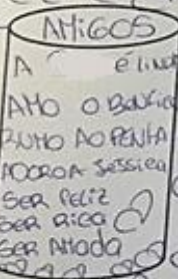
Acima de tudo, todos temos "areias" por limpar... o mais difícil é, por vezes, descobri-las. Tu consegues? Experimenta ...



As tuas Letras Maria, Celga, Miguel, Pedro, Joana, Ana, Adina
 As tuas Pedras Fisioterapia
 A tua Areia Não estar mais tempo com as pessoas que gostas
 A tua Água com leite / Futebol, estar com os amigos

Imagina agora o teu "jarro" de água... como organizas o que está lá dentro? O que é realmente importante para ti?

Acima de tudo, todos temos "areias" por limpar... o mais difícil é, por vezes, descobri-las. Tu consegues? Experimenta ...



As tuas Letras família e amigos
 As tuas Pedras Bonsa de cianias
 A tua Areia Atletismo
 A tua Água Sair com os Amigos

Imagina agora o teu "jarro" de água... como organizas o que está lá dentro? O que é realmente importante para ti?

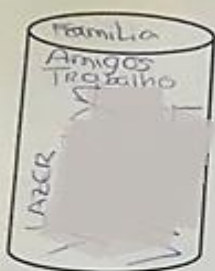
Acima de tudo, todos temos "areias" por limpar... o mais difícil é, por vezes, descobri-las. Tu consegues? Experimenta ...



As tuas Letras ...
 As tuas Pedras ...
 A tua Areia ...
 A tua Água ...

Imagina agora o teu "jarro" de água... como organizas o que está lá dentro? O que é realmente importante para ti?

Acima de tudo, todos temos "areias" por limpar... o mais difícil é, por vezes, descobri-las. Tu consegues? Experimenta ...



As tuas Letras Família, amigos, lazer,
lazer

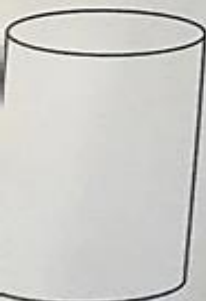
As tuas Pedras Amigos, Trabalho, Professora
de Dança

A tua Areia Falsidade, por ter que
repetir as coisas 20x, esperar

A tua Água Danças, utilizar o
guitão, ouvir música, estar com

Imagina agora o teu "jarro" de água... como organizas o que está lá dentro? O que é realmente importante para ti?

Acima de tudo, todos temos "areias" por limpar... o mais difícil é, por vezes, descobri-las. Tu consegues? Experimenta ...



As tuas Letras esta com a família e
as coisas mais próximas

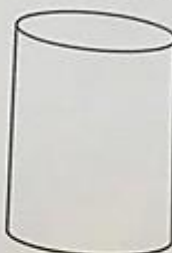
As tuas Pedras ~~pedras~~

A tua Areia _____

A tua Água Ter com os amigos

Imagina agora o teu "jarro" de água... como organizas o que está lá dentro? O que é realmente importante para ti?

Acima de tudo, todos temos "areias" por limpar... o mais difícil é, por vezes, descobri-las. Tu consegues? Experimenta ...



As tuas Letras As pessoas que bebem com mais
comida, família, amigos

As tuas Pedras Coisas de outros e amigos
escolha e liberdade

A tua Areia _____

A tua Água Escolha, beber com amigos
mais

Imagina agora o teu "jarro" de água... como organizas o que está lá dentro? O que é realmente importante para ti?

Acima de tudo, todos temos "areias" por limpar... o mais difícil é, por vezes, descobri-las. Tu consegues? Experimenta ...



As tuas Letras as coisas que me gosto
e família, mãe, pai, e amigos

As tuas Pedras as coisas que não gosto
seguido

A tua Areia as coisas que me não gosto
na educação

A tua Água as coisas que me não gosto
escolha

Imagina agora o teu "jarro" de água... como organizas o que está lá dentro? O que é realmente importante para ti?

Acima de tudo, todos temos "areias" por limpar... o mais difícil é, por vezes, descobri-las. Tu consegues? Experimenta ...



As tuas Letras Mimã Mãe e amigos

As tuas Pedras Pastor do cão

sa veterinária

A tua Areia Leão e Maria

Mãe da casa

A tua Água Estar com amigos

Imagina agora o teu "jarro" de água... como organizas o que está lá dentro? O que é realmente importante para ti?

Acima de tudo, todos temos "areias" por limpar... o mais difícil é, por vezes, descobri-las. Tu consegues? Experimenta ...



As tuas Letras _____

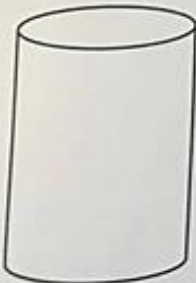
As tuas Pedras _____

A tua Areia _____

A tua Água _____

Imagina agora o teu "jarro" de água... como organizas o que está lá dentro? O que é realmente importante para ti?

Acima de tudo, todos temos "areias" por limpar... o mais difícil é, por vezes, descobri-las. Tu consegues? Experimenta ...



As tuas Letras A minha mãe e a minha
irmã e a família.

As tuas Pedras Sei Artista ou
Geometria na casa.

A tua Areia Viver nesta casa e com
os meus irmãos.

A tua Água A pessoa mais importante
para mim na CAT é a Inês.
Adoro surf ... ☺